

COLEÇÃO



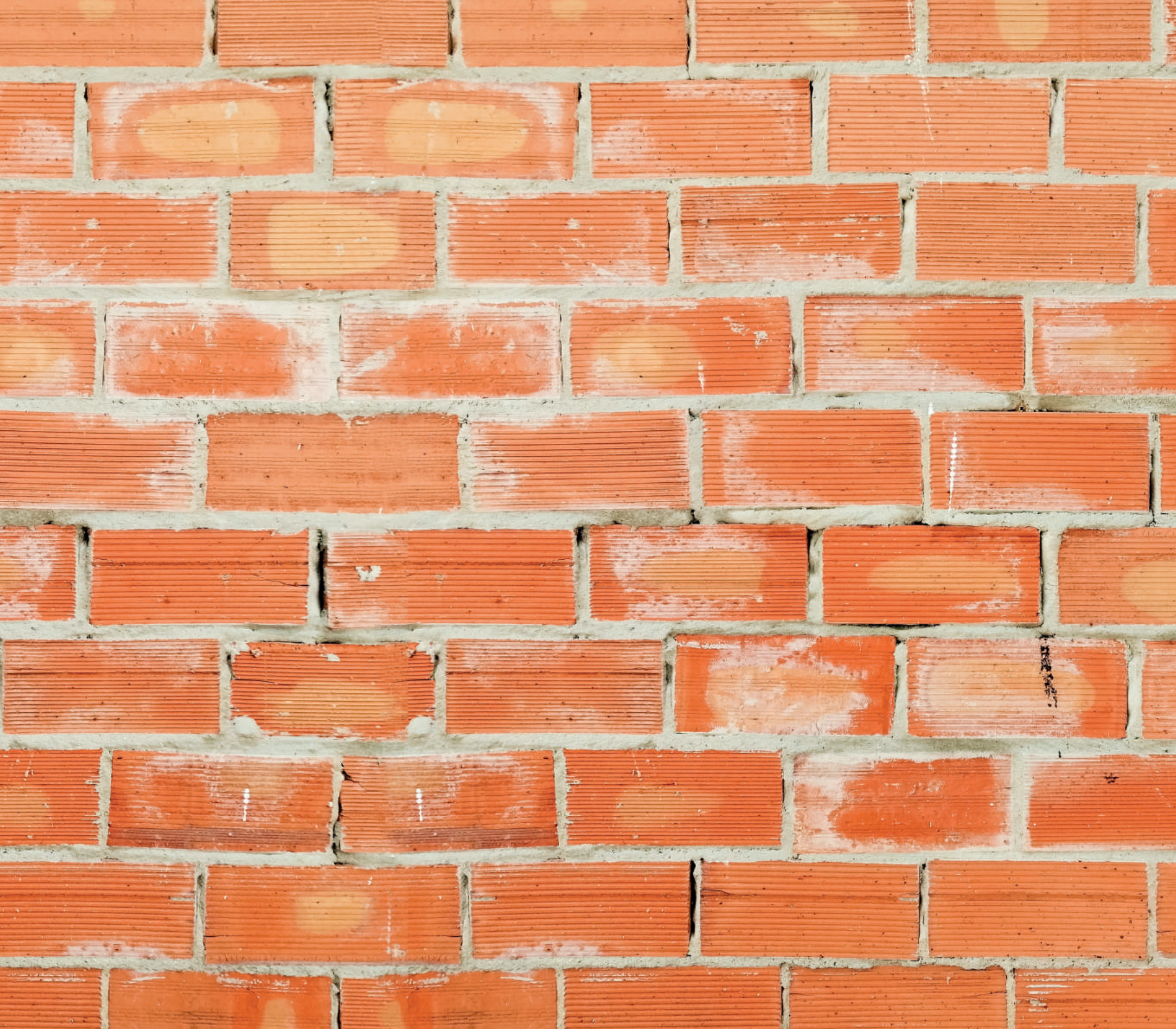
PATRIMÔNIO
PARA JOVENS



ÓTI
GAF.
TEL: 33E
Um
Qu
Não e
visto
Um
Lembrado



IPHAN





Brasília · IPHAN · 2020

Organização

Ana Carolina Lessa Dantas

Thiago Pereira Perpétuo

Vinicius Prado Januzzi

Luís Fernando Celestino da Costa

Rodrigo Capelle Suess

Raquel Sá Rodrigues de Souza

Vanessa Nascimento Freitas

Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida

Paulo Moura Peters

Sônia Regina Rampim Florêncio



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, IPHAN

C391

Ceilândia, minha quebrada é maior que o mundo / Organização : Ana Carolina Lessa Dantas... [et al]. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Brasília : IPHAN, 2020.

Modo de acesso: www.iphan.gov.br

ISBN: 978-65-86514-15-5

1. Patrimônio cultural – Distrito Federal. 2. Patrimônio cultural – Salvaguarda. 3. Patrimônio cultural – Ceilândia. I. Dantas, Ana Carolina Lessa.

CDD 363.69018

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro do Turismo

Marcelo Álvaro Antônio

Secretário Especial da Cultura

Mário Luís Frias

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente

Larissa Peixoto

Diretores do Iphan

Arthur Lázaro Laudano Bregunci

Hermano Queiroz

Marcelo Brito

Raphael João Hallack Fabrino

Robson Antônio de Almeida

Superintendente do Iphan no Distrito Federal

Saulo Santos Diniz

Créditos da publicação

Ceilândia, minha quebrada é maior que o mundo

Organização

Ana Carolina Lessa Dantas
Thiago Pereira Perpétuo
Vinicius Prado Januzzi
Luís Fernando Celestino da Costa
Rodrigo Capelle Suess
Raquel Sá Rodrigues de Souza
Vanessa Nascimento Freitas
Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida
Paulo Moura Peters
Sônia Regina Rampim Florêncio

Projeto gráfico e diagramação

Rede Urbana de Ações Socioculturais
Daniel Bruno Vieira de Melo

Direção de arte

Gleydson de Lima Araújo

Ilustrações

Antônio Luvs

Daniel Jesus

Dayana da Silva Correia

Didi Colado • *artista urbana*

Gleydson de Lima Araújo

Kelly Amorim • *artista urbana*

Róbsom Mindú • *grafiteiro e designer*

Criação gráfica do selo da coleção

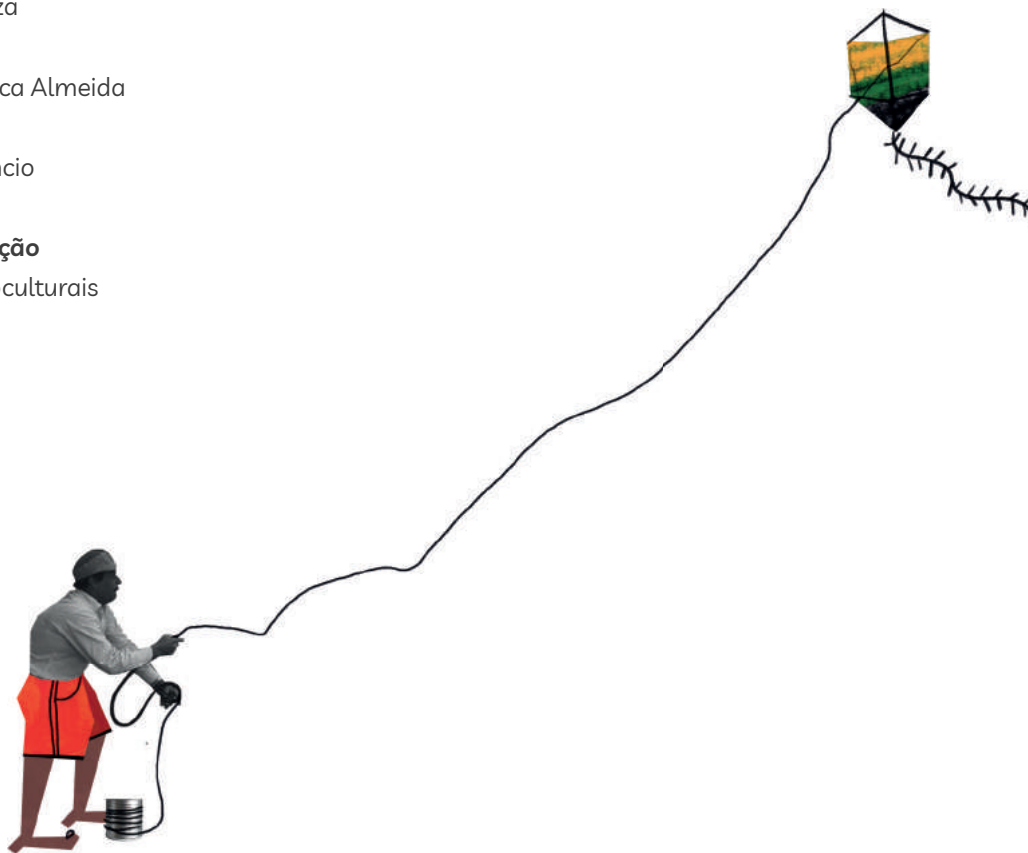
Pedro Joffily de Araújo

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

www.iphan.gov.br

publicacoes@iphan.gov.br

iphan-df@iphan.gov.br



APRESENTAÇÃO



É com muita satisfação que a Superintendência do Iphan no Distrito Federal apresenta ***Ceilândia, minha quebrada é maior que o mundo***, segundo volume da *Coleção Patrimônio para Jovens*, dedicado à Ceilândia. Este livro foi desenvolvido com muito carinho e contou com a colaboração de diversas pessoas, em trabalho desenvolvido desde 2019, cujo resultado final vocês poderão acompanhar nas próximas páginas.

Em 2017, foi lançada a obra que inaugurou esta Coleção: *Athos colorindo Brasília*. Tendo como protagonista o grande artista pioneiro Athos Bulcão, o livro propõe um passeio pela cidade de Brasília e pelo Distrito Federal, ressaltando aspectos do patrimônio cultural, histórico, arqueológico, imaterial e material da nossa Capital.

O título destacou o Plano Piloto, região onde se concentra o maior número de trabalhos do artista, e contou com a contribuição da equipe da Superintendência do Iphan no Distrito Federal. Tendo em vista o alcance inesperado e surpreendente da obra, viu-se a necessidade de estender aquela boa ideia para todo o Distrito Federal. Assim surge *Ceilândia, minha quebrada é maior que o mundo*.

A obra que será apresentada foi embasada nos Inventários Participativos, ferramenta desenvolvida pelo Iphan que mobiliza a sociedade em torno de suas referências culturais, seguindo o entendimento dos artigos 215 e 216 da Constituição Federal.

No intuito de envolver toda a comunidade com as referências que mais lhe são caras, contribuíram na construção dos Inventários Participativos aqui utilizados as seguintes escolas e instituições: CEF 16, CEF 27, CEM 03, EC 66, CED Incra 09, e Associação Despertar Sabedoria no Sol Nascente. Foram elas e seus respectivos professores — Eunice Vitório de Oliveira, Ingreth Adri, Aline Rodrigues, José Nunes de Oliveira Filho, Renato Pereira, Sandra Maria Rodrigues e Margarida Minervina da Silva — que fizeram vicejar o interesse e a valorização da educação patrimonial em sua dimensão mais agregadora, sendo os verdadeiros pilares dessa iniciativa.

A construção do processo dos Inventários Participativos com as instituições foi cumulativa. Foram realizadas reuniões preparatórias, nas quais definiram-se os planos de trabalhos individuais, oportunizando a cada professor a condução das atividades de modo autônomo com seus estudantes. Durante todo o processo de criação, foram realizados encontros de alinhamento nos quais eram debatidos os desafios, as descobertas, os próximos passos; de um mesmo ponto de partida, surgiram, então, uma diversidade de ações e resultados. Dessa forma, acreditamos que este trabalho reflete, de fato, a rica história de Ceilândia e de sua gente, composta por brasileiros de diversas origens e credos, com vidas complexas e maravilhosas.

Nesse ponto, é de suma importância ponderar que, embora o resultado apresentado seja capaz de mostrar a diversidade do patrimônio cultural de Ceilândia em suas múltiplas dimensões, esse processo não o esgota. Sabemos que a população de Ceilândia tem muito mais a contar sobre sua cidade e sobre seu constante processo de construção cultural. Estamos certos de que ainda existe um vasto universo de referências, saberes e lugares a descobrir e esperamos que iniciativas como esta contribuam para o fortalecimento do patrimônio em seus aspectos mais amplos.

Esta obra é resultado da colaboração inestimável de instituições e grupos da comunidade de Ceilândia, dentre os quais se destaca o Projeto Jovem de Expressão, reconhecido pela competência, criatividade e dedicação em ações na cidade e presente desde a concepção até a arte final desta obra.

Destaque-se ainda que este projeto só se tornou possível através da colaboração da GEAPLA (Gerência de Educação Ambiental, Patrimonial, Língua Estrangeira e Arte-Educação), da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e da equipe de Educação Patrimonial do Departamento de Cooperação e Fomento do Iphan, que orientou a aplicação dos Inventários Participativos, estando presente tanto na fase de criação quanto na de avaliação do produto. Assim, desenvolveu-se uma parceria sólida e certamente duradoura para futuros volumes da Coleção.

Esperamos a todos que tenham uma rica e inesquecível leitura!

Saulo Santos Diniz

Superintendente do Iphan no DF

Novembro de 2020

APRESENTAÇÃO



O livro *Ceilândia, minha quebrada é maior que o mundo* é o segundo volume da *Coleção Patrimônio para Jovens* e fruto da ação conjunta entre a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A série é destinada a estudantes da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, e cada volume é construído sob a perspectiva de repertórios educativos relativos ao Patrimônio Cultural existente nas Regiões Administrativas do Distrito Federal.

A obra destina-se a propagar um pouco da valorosa e interessante história da região mais populosa do Distrito Federal — Ceilândia, um território de resistência, sobrevivência, luta, tradição, cultura e esperança!

Reafirma-se que a realização deste trabalho deu-se pelo esforço interinstitucional, em consonância com o Termo de Cooperação firmado entre a SEEDF e o Iphan, objetivando o fortalecimento da política pública de Educação Patrimonial — dimensão da educação destinada ao conhecimento, à apropriação e à valorização do Patrimônio Cultural e, conseqüentemente, à formação integral dos estudantes, conforme preconiza o currículo da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Esta produção, mais que levar a materialização dos pressupostos teóricos do Currículo em Movimento, permite o reconhecimento de outros saberes e histórias, agregando modos de pensar e de ler as realidades. Nessa perspectiva, a história aqui é da quebrada, é do ceilandense, é do solnascentino, é do pordosolense, que é também brasiliense, brasileiro, latino-americano e cosmopolita.

Como não poderia deixar de ser, esta obra foi produzida a várias mãos. E, por meio da beleza desse trabalho coletivo e colaborativo, estudantes e professores da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, artistas e técnicos da educação e do patrimônio cultural do Distrito Federal mostraram um pouco de Ceilândia.

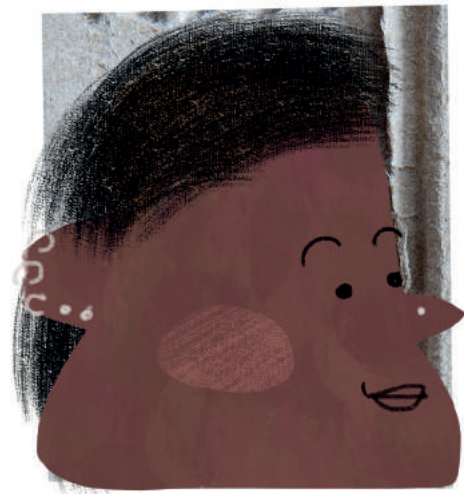
Assim, diante da diversidade social, histórica e geográfica que caracteriza o Distrito Federal, na qual grandes disparidades socioeconômicas contribuem, sobretudo, para a construção do imaginário e do sentimento de pertencimento das populações, espera-se que a vida e o entusiasmo impressos nestas folhas

impulsionem os nossos estudantes na busca do ser e do saber mais, jornada esta que, felizmente, é contínua e inconclusa. E, nessa perspectiva, cabe às políticas públicas promover instrumentos que levem nossas crianças, adolescentes e jovens a construir a noção de bem comum, por meio inicialmente do reconhecimento do seu espaço territorial e da realidade vivida; e, a posteriori, de todo território nacional e mundial.

Desejamos a todos uma excelente leitura e que, por meio dela, haja uma consolidação do conhecimento e reconhecimento das inenarráveis riquezas e belezas de Ceilândia e do Distrito Federal.

Leandro Cruz Fróes da Silva

Secretário de Estado de
Educação do Distrito Federal
Novembro de 2020







— Ei, Ei, PESSOAL! CALMA, CALMA!

Pelo entusiasmo, estou vendo que vocês já terminaram a pesquisa nos celulares, não é?

Naquele dia, a professora Sandra havia chegado animada. Aline, sentada em sua cadeira, logo imaginou que havia de ser coisa boa. E acertou.

— Sendo assim, na aula de hoje, discutiremos sobre o patrimônio cultural! A partir do que vocês conseguiram pesquisar, alguém poderia começar explicando o que entendeu por patrimônio cultural?

Cri, cri, cri...

— Ih, gente, o gato comeu a língua de vocês de uma hora para a outra? Vamos tentar pensar juntos: o que é considerado patrimônio cultural? Qual a importância dele? A quem ele pertence? Eu sei que vocês sabem e conseguem responder!

Um por um — primeiro baixinho, com vergonha, depois um pouco mais confiantes, os alunos começaram a dizer:

— Ah, professora, pelo que pesquisei aqui, acho que tem a ver com o que é importante para uma sociedade, né? — *Iniciou José.* — Tipo as lembranças do início de uma cidade ou pontos históricos para os moradores...

— É uma coisa passada de geração em geração, e que serve para lembrar das nossas histórias. — *Acrecentou Ingreth.*

— Pode ser um objeto, um monumento, um prédio..., mas eu vi que também pode ser uma manifestação cultural, como uma dança, uma música, e até uma comida! — *Disse Fabiana.*

— Pelo que eu vi, todo mundo é “dono” desse tal patrimônio, mas parece que tem um órgão público que cuida da preservação desses bens. — *Renato adicionou.* — O nome é meio comprido...

Renato não lembrou na hora, mas estava falando do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Iphan. Além dele, a Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal também cuida de assuntos associados ao patrimônio cultural e a sua preservação.

Mas Sandra tinha algo mais em mente.

— Pessoal, vi que pesquisaram bem direitinho. Agora, eu queria que vocês pensassem um pouquinho mais e dissessem com suas palavras o que é patrimônio.

Mais uma vez, bem devagarinho, a galera começou a se soltar. E logo desembuchou:

— Ah, professora Sandra, não sei se tá certo, mas pode dizer que patrimônio é aquilo que bate no coração da gente? — *Começou Renato.*

— Isso, Renato, isso mesmo! — *Respondeu a professora.*

— Ah, então é o campinho de futebol onde eu jogo bola! Lá eu sempre me divirto e passo quase todo dia. É só alegria! Para nós e para os cachorros que se intrometem a correr atrás da bola. — *Renato emendou.*

— Para mim, é esse mesmo campinho, professora! Quando eu saio driblando, quero ver quem segura! — *Fabiana logo se gabou.*

— Já eu gosto mesmo é de dançar. Não tem batidão novo que eu não saiba como fazer do primeiro ao último segundo. Posso até ensinar para vocês! — *Complementou José.*



Sandra respondeu:

— O caminho é por aí, mesmo. Patrimônio é aquilo que faz sentido para a gente. São aquelas coisas para as quais damos algum valor, pelas quais temos carinho. Para ser coletivo, claro, ele precisa ser valorizado por mais de uma pessoa, por um grupo, como é o campinho que Renato e Fabiana mencionaram. Além disso, ele pode ser transmitido de pessoa para pessoa e de geração para geração. Quem sabe o José não vai ensinar esses passos de dança para alguém um dia? E assim as coisas vão passando de um para um, e vão crescendo e ganhando mais significado em nossas vidas. — A professora Sandra deu uma piscadela.

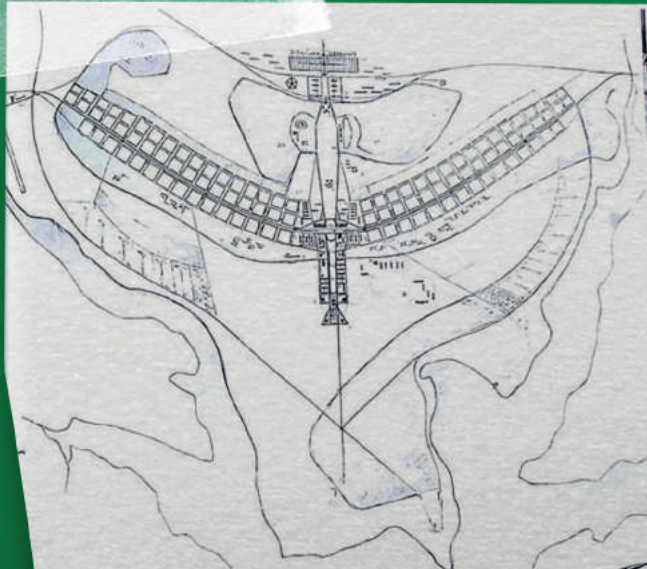
Aline, empolgada para continuar aquela conversa, perguntou:

— Ô, professora, em Brasília, tem uns lugares que são patrimônio, tipo a Praça dos Três Poderes, a Catedral e o Teatro Nacional, não é? ①

— Isso mesmo! — *Respondeu Sandra.* — Quando falamos de patrimônio, muitas vezes pensamos também em dinheiro e em bens individuais, as posses de nossa família, como nossa casa, carro, objetos... Mas o patrimônio cultural é bem mais do que isso: ele pode ser tudo que faz referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos que formam o Distrito Federal e — por que não? — o Brasil. Então, além dos monumentos, das praças e dos edifícios, também pode ser considerado patrimônio cultural aquilo que não é físico, nem estático, como as nossas expressões culturais. É só pensar, por exemplo, na literatura de cordel, na capoeira, no mamulengo... Todos esses são bens culturais que fazem parte do nosso patrimônio cultural.

Patrimônio
cultural

- Importante p/ a sociedade
- Algo passado de geração em geração
- Objeto, dança, manifestação cultural, monumento, comida
- O que bate no coração



O plano piloto

O Plano Piloto é uma das regiões administrativas do DF. Corresponde aproximadamente ao espaço que foi construído a partir do projeto de Lucio Costa, vencedor do Concurso que escolheu como seria a nova capital, realizado em 1956. É lá que estão, por exemplo, as superquadras residenciais e o Eixão, conhecidos mundo afora pela sua originalidade. Desde 1990, o Conjunto Urbanístico de Brasília (CUB), onde o Plano está localizado, é considerado patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan, por se reconhecer sua importância histórica, arquitetônica e urbanística para o país e para o nosso povo.

E mais: os bens culturais que podem ser considerados patrimônios culturais não estão apenas no **Plano Piloto** ou em partes da cidade, mas em todo o Distrito Federal.

Assim como na vida a única coisa fácil é enfiar prego em sabão, a pesquisa não iria ficar só em sala de aula. Logo a professora Sandra foi passando uma atividade para casa:

— Pensando em tudo isso que conversamos, temos uma tarefa a partir de hoje: quero que nós, sozinhos ou em grupo, comecemos a investigar sobre os patrimônios culturais daqui, de Ceilândia! Vocês podem visitar os lugares públicos, pesquisar em livros e arquivos, fazer entrevistas com os moradores mais antigos da cidade... Não é só olhar na internet, hein?

Aline ficou pensativa...

— Ceilândia, professora? Sério? Mas se aqui não tem nada!

— Será? — *Sandra devolveu a pergunta.* — Isso a gente vai ver...



Dever de casa

*Investigar sobre
patrimônio
cultural de
Ceilândia*

Aline - 14:39

Amiga, como que eu vou fazer esse trabalho?? 😞
Sem condições! Não sei nem por onde começar 😞😞 ✓✓

Ingreth - 14:40

Calma, Line, a gente tem tempo, não é para amanhã.
De repente, você pode entrevistar alguém...

Aline - 14:40

Mas quem? Eu n conheço ninguém q conheça bem a
Ceilândia. Eu mesma quase n saio de casa, vivo trancada! ✓✓

Ingreth - 14:41

Uai, menina, mas e sua avó? A dona Margarida não
mora aqui há um tempão?? 😞😞😞

Aline - 14:41

Hummmmm 🙄 ✓✓



— Ô Vóóóóóóó!

Toda afobada, Aline entrou na sala para falar com sua avó Margarida.

— Ô menina apressada, tenha calma! O que foi?

— A senhora mora aqui em Ceilândia há quanto tempo?

— Ih, minha filha, faz tanto tempo... — *Margarida olhou para cima, caçando as datas na memória.* — Eu saí do Piauí em 1959, vim acompanhar seu avô nas obras da Capital.

Todo dia chegava gente em Brasília para trabalhar, era caminhão atrás de caminhão. A gente ficou morando na Cidade Livre, que é onde os peões costumavam ficar, mesmo depois da inauguração. Hoje o pessoal chama de Núcleo Bandeirante, foi onde tudo isso aqui começou. Na época, não tinha luxo, a gente vivia em um barracão de madeira, no chão de terra batida, mas eu gostava... Estava sempre junto dos amigos. Fazia até uns bicos de costura para o pessoal de lá.

Só que, em 1971, botaram todo mundo para correr. Eu lembro até do nome da ação do governo. Chamavam de Campanha de Erradicação das Invasões, é daí que vem o CEI, que virou Ceilândia. A gente veio expulso para cá, o que mais tinha era mato e terra, parecia um deserto.

— Sério? Eu não sabia disso! — *Exclamou Aline, interessada.* — Aliás, não sabia de quase nada dessa história toda, vou aproveitar tudo para o trabalho da escola. Falando nisso, vó, me diz uma coisa: que lugar de Ceilândia você acha que é mais importante? Assim... que monumento aqui pode ser considerado patrimônio?





— Ah, tem a Caixa d'Água, né? — *Respondeu Margarida.*

— Aquele negócio feio? Parece um disco voador!

— Feio? Não é feio! — *Margarida disse, fingindo ofensa.* — Hoje em dia, a gente passa e nem percebe, mas, quando colocaram ela ali, lá pela metade dos anos 70, foi um avanço para nós. Antes, a gente tinha que andar quilômetros e quilômetros para buscar água! Pergunta aí para esse seu celular, para ver como é verdade! Aproveita e vê que horas passa o ônibus que vai para lá...

Depois de esperar um tanto pelo ônibus, Margarida e Aline finalmente chegaram ao centro de Ceilândia.





— Mas menina, que coisa! — *Disse Margarida.* — Ninguém nessa Caixa d'Água para dar uma informação para a população, ainda é tudo cercado com grade, parece até presídio!

— Ah, vó, não esquenta com isso. No celular, já vi que ela foi declarada patrimônio cultural do Distrito Federal em 2013, e que é o maior reservatório elevado de Brasília. Foi projetada por um arquiteto lá do Paraná, um senhor de nome que parece até estrangeiro: Gerhard Leo Linzmeyer. Dá para armazenar 500 mil litros de água, que é o suficiente para abastecer uma casa por mais de vinte anos! ②

— *Aline leu na tela do aparelho.*

— Ih, ficou toda sabida com o esse negócio na mão... — *Brincou Margarida.*

— Ah, é bom saber, né? Eu sempre passei aqui em frente, mas nunca nem tinha parado para pensar nessas coisas. — *Respondeu Aline.*

— A gente precisou batalhar muito para conseguir essas “coisas”, minha filha! Hoje, ninguém nem imagina como foi trabalhoso construir essa cidade. Seria tão bom se você pudesse ter visto como era isso tudo antigamente... Não dá nem para imaginar!

— Difícil imaginar mesmo, vó. Tanto que vou até procurar umas fotos de como era antigamente. — *Disse Aline.* — Mas vem cá: a senhora não está com fome? A gente saiu com tanta pressa de casa que esqueceu de almoçar! Minha barriga está roncando!

— Eita, é mesmo! — *Falou Margarida, sentindo o estômago reclamar.* — Ainda dá tempo de comer um baião de dois na Feira, aqui do lado!

Chegando à Feira Central de Ceilândia, as duas logo sentiram o cheiro gostoso de comida e sentaram para almoçar.

— Ai, bem melhor agora, com a barriga cheia! — Disse Margarida.

— Nossa, é mesmo. — Concordou Aline. — Fazia tanto tempo que eu não vinha à Feira. Vende de tudo! E tem muitas comidas diferentes, que eu nunca tinha comido. Essas aqui, por exemplo, acho que nunca nem vi!

Ouvindo a conversa, Dona Benedita, feirante desde que se conhece por gente, respondeu:

— Pois isso aqui é caruru, é feito de quiabo! Na Bahia, onde eu nasci, nós adoramos! Aqui na barraca, eu também vendo vatapá, sarapatel, buchada, dobradinha, rabada, caldo de mocotó... Todos pratos típicos do Nordeste, que são a nossa especialidade!

— Poxa, moça, eu achava que a comida típica da Bahia era só o acarajé! — Exclamou Aline.

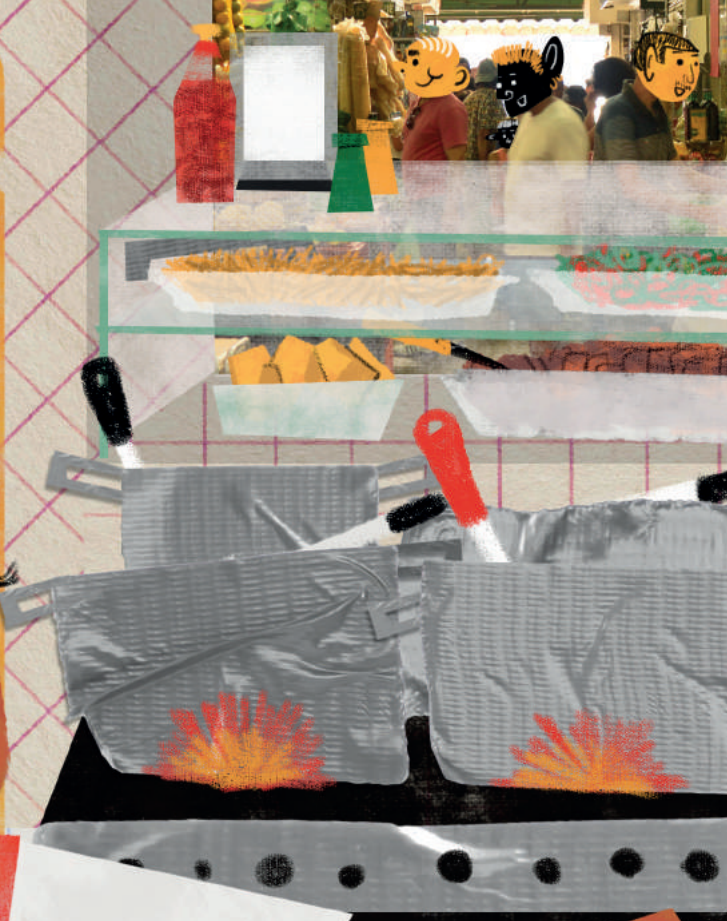
— Pode me chamar de Benedita, mocinha. O acarajé é um prato muito tradicional! Eu não vendo aqui na minha banca, porque aprendi, crescendo em Salvador, que a produção dele tem que respeitar um montão de saberes passados pelas baianas mais velhas, que são nossas **referências culturais**, né? O bolinho tem que ser feito de feijão fradinho, frito no azeite de dendê e tudo. Normalmente, ele é vendido em um tabuleiro, no meio da rua. É claro que essas regras estão se transformando, principalmente fora da Bahia, mas eu prefiro cozinhar outras coisas.

— Faz muito tempo que a senhora trabalha aqui na feira? — Aline perguntou.



CEI
a melhor!

-2.0



REFERÊNCIAS CULTURAIS

Referências culturais são elementos — objetos, práticas, pessoas, lugares...

— que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações. E você, já parou para pensar no que, da sua cultura, gostaria de transmitir para seus filhos e netos?





— Ih, minha filha, ô se faz! — *Respondeu Benedita.* — A Feira, do jeito que está aqui hoje, foi inaugurada em 1984. Mas, antes disso, eu já vendia minhas comidas na feira de rua, que acontecia aqui mesmo, no centro. Não tinham muitas opções de comércio na cidade, então todo o povo aproveitava a feira para se reunir e para fazer as compras da semana. As receitas nordestinas sempre fizeram sucesso, afinal, Ceilândia recebeu muita gente que veio de lá e que não voltou para seus estados depois da inauguração da capital. ③

— Ah, que boa lembrança! — *Interveio Margarida.* — A gente sempre vinha para essa feira. Era aqui mesmo, no meio do barril.

— Barril? — *Perguntou, confusa, Aline.*

— É, uai. Você nunca reparou que o mapa da cidade é um barril, menina?

— Ah, vô, mas já cresceu tanto, né? — *Disse Aline.* — Quase não dá mais para notar esse barril.

— Ah, isso é verdade. Cresceu tanto, mas tanto, que hoje já tem até alguns lugares que cresceram a partir daqui, como o Pôr do Sol e o Sol Nascente, lá mesmo onde a gente mora. Quando seu avô morreu e a gente foi para lá, tudo isso ainda era “só” Ceilândia, mas, desde 2019, são novas regiões administrativas.

— Uhn... Muito interessante! O vô era pedreiro, né, vô?

— Na verdade, ele fazia de tudo um pouco em uma obra. Levantava parede, aplainava terreno, fazia instalação elétrica... Se tivesse trabalho, ele fazia. — *Margarida afirmou, orgulhosa.* — O último lugar que ele ajudou a construir foi aqui em Ceilândia: a Casa do Cantador, no P Sul.

— Sério? E a senhora nunca me levou lá?!



Quem NÃO é visto

OTICA



GAFAS

NÃO é Lembrado

CEILÂNDIA CENTRO

FABRÍCIO

ELETRO

MODA

COMIDA



JOGOS



SAÍDA - EXIT

Assistência TeC

- PELÍCULAS
- CAPINHAS
- FONES
- E MUITO MAIS...



Próximo a XEROX CENTRAL





CASA DO CANTADOR

SAÍDA·EXIT

ENTRADA·ENTRANCE

933.1

De barriga cheia e com a cabeça a todo vapor, Aline e Margarida chegaram à Casa do Cantador.

— E aí, mocinha, satisfeita? — *Perguntou Margarida.*

— Claro que sim! — *Respondeu Aline.* — Aqui é tão grande, bonito... mas é meio diferentão.

— O prédio é desse jeito porque foi projetado pelo Oscar Niemeyer. — *Comentou Margarida, com ares de sabida.* — Sabe, foi ele que projetou os palácios do governo, a casa do presidente... Ele gostava muito de desenhar curvas, formatos diferentes.

— Niemeyer é aquele arquiteto que fez o Museu da República, no Plano Piloto? Acho que li isso em algum lugar.

— Esse daí mesmo. Fez também os edifícios da Esplanada dos Ministérios, o Congresso Nacional... Seu avô falava sempre dele, dizia que o via caminhando pelos canteiros de obra, às vezes.

Nesse momento, avó e neta foram surpreendidas por um senhor de fala rápida que lhes dirigia a palavra:

— Olá, pessoal. Meu nome é Manoel, trabalho aqui na Casa do Cantador. Posso ajudar?

— Boa tarde! — *Respondeu Margarida.* — A gente veio visitar. Eu estava justamente falando aqui pra minha neta que esse espaço foi projetado pelo Niemeyer...

— É verdade! — *Disse ele.* — No Distrito Federal, a Casa do Cantador é um dos poucos projetos de Niemeyer fora do Plano Piloto. Apesar de não ser tombado, não deixa de ser um patrimônio material da cidade.



PATRIMÔNIO MATERIAL

O patrimônio material é composto por bens de diversas naturezas, e que podem ser divididos em móveis (como objetos, coleções e gravuras) e imóveis (monumentos, edifícios, conjuntos urbanos e sítios arqueológicos). O principal instrumento de proteção do patrimônio cultural material é o *tombamento*. Um espaço tombado pode se relacionar com diferentes manifestações culturais, que vão além de seu valor arquitetônico ou estético, como acontece com a Casa do Cantador, que está diretamente ligada à preservação do repente e da literatura de cordel no DF.



PATRIMÔNIO IMATERIAL

Uma manifestação cultural imaterial, como os diferentes saberes, as celebrações, os lugares e os muitos jeitos de fazer (os fazeres), é considerada patrimônio quando as pessoas para quem ela é importante assim consideram. O que define que algo seja ou não patrimônio é o quanto ele significa para as pessoas de uma comunidade, de uma cidade, de um bairro, de um país. O lphan, por sua vez, pode reconhecer manifestações culturais como patrimônios imateriais nacionais, por meio do *registro*; com isso, o Estado brasileiro reconhece a obrigação de criar iniciativas para proteger, valorizar e difundir as práticas culturais. É o caso, como falado, da literatura de cordel, bem como da capoeira e do mamulengo.

Ele se inspirou na Asa Branca — que, além de pássaro, é o nome de uma música de Luiz Gonzaga —, por isso a fachada do prédio tem essas curvas. Este espaço foi inaugurado em 1986 com o objetivo de homenagear a comunidade nordestina no Distrito Federal. Nosso principal foco é a divulgação da arte e da cultura do Nordeste, como o repente, o forró e a literatura de cordel, que foi, inclusive, declarada patrimônio imaterial do Brasil em 2018! ④

Nessa hora, Aline lembrou-se da fala de sua professora e compreendeu melhor que, mesmo diferentes, os tipos de **patrimônio material e imaterial** estão relacionados. Curiosa, perguntou:


— Que bacana! Como a gente pode fazer para conhecer melhor essas coisas? — Perguntou Aline.

— Você pode, quando quiser, usar nossa *cordelteca*, que é aberta ao público. Aqui, temos livretos de vários estados, mas também estão presentes obras de artistas do DF. Também oferecemos aulas semanais de música, trabalhando com instrumentos menos populares entre os jovens, como sanfona e viola. — Falou Manoel.

— Ah, Aline, você sabia que seu avô também era um tocador? — *Interveio Margarida*. — Ele adorava cantar e enchia as nossas noites de música na época da Cidade Livre. Os vizinhos todos vinham ouvir. Às vezes, ele se juntava com um compadre nosso e ficava tirando rima, só para se distrair.

— Olha só, que coincidência! — *Manoel exclamou, sorrindo*. — Daqui a pouco, vai começar uma apresentação de repentistas aqui no auditório. Vocês podem ficar para assistir!

E não é que começou a cantoria?



OS PRIMEIROS REPENTISTAS
ERAM GRANDES GLOSADORES,
TINHAM GOSTO PELA ESCRITA,
ALGUNS ERAM MERCADORES,
ALGUNS VIVIAM DA ROÇA
E OUTROS COMO CANTADORES.

João

VÁRIOS ESTUDOS INDICAM
QUE OS REPENTISTAS PRIMEIROS
USAVAM COMO INSTRUMENTOS
GANZÁS E, TAMBÉM, PANDEIROS
QUE DERAM ORIGEM AO RITMO
DO BAIÃO DOS VIOLEIROS.

Chico

AS HISTÓRIAS DE CORDEL
PARA SEREM DIVULGADAS,
PELOS SEUS COMERCIANTES
ERAM NAS FEIRAS CANTADAS,
EM MELODIAS QUE ERAM
POR REPENTISTAS USADAS.

João

AS ORIGENS DO CORDEL
AQUI NÃO VOU EXPLICAR,
APENAS CITO QUE O MESMO
NUNCA IRÁ SE SEPARAR
DA HISTÓRIA DO REPENTE:
OS DOIS FORMAM BELO PAR!

Chico (5)

Passada a apresentação, Aline olhou para Margarida, que esfregava os olhos e soluçava baixinho, discretamente.

— A senhora está chorando, vó?

— Deixa de ser enxerida, menina. Era só um cisco de felicidade.

Agora vamos para casa, que está escurecendo. Além disso, nós caminhamos muito hoje, minhas pernas já estão começando a doer.





CASA DO CANTADOR

LIVRARIA DO SEU CHICO
AO LADO DA FEIRA POPULAR

SAÍDA - EXIT





Só NASCENTE

Super Promoção
HIDRATAÇÃO + CORTE + PENTEADO
59,99
Um mis interinho para você!

COXINHA Show

Nei Cabeleira

TOP XEROX

SAÍDA · EXIT

ENTRADA · ENTRANCE

933.1

Ingreth - 12:30

Te falei, Line, que você ia conseguir fazer o que a professora tinha pedido. Vi que você e sua vó foram visitar a Casa do Cantador.

Ingreth - 12:30

Lá parece ser muito massa! Tô louca para conhecer. Vou falar pra minha mãe levar eu e minha irmã! 😊😊

Aline - 12:32

Amiga, eu amei conhecer lá. Eu não sabia que existia tanta história aqui! ✓✓

Aline - 12:32

Minha vó sabe de muita coisa, você tinha que ver ela falando sobre a Caixa d'Água, sobre a Feira, conhece tudo e todo mundo. ✓✓

Aline - 12:33

Quando começa a falar de Ceilândia, não para de tagarelar kkkkkk 😂😂 minha veinha até chorou ontem, tanta a emoção. ✓✓

Ingreth - 12:33

AHHHHHHHHH! QUE FOFAAAAAAAAAAAA! 👑❤❤

Aline - 12:35

Mas agora tô até em dúvida. Pelo que ela me falou, tem muito mais coisas para gente conhecer e nem sei se vai dar tempo para ver tudo. Ceilândia é mesmo um mundo! ✓✓

Ingreth - 12:35

Né?! 😊😊

NEM PELA PRIMEIRA, NEM PELA ÚLTIMA VEZ...

Aline entrou em casa toda esbaforida.

— VÓÓÓ! Para onde a gente vai hoje?

— Ave, menina, não diz nem um “boa tarde”... — Reclamou

Margarida.

— Boa tarde. Para onde a gente vai hoje?

— Ah, Aline, hoje não posso ficar passeando, infelizmente. Tenho que ir pegar meus remédios. Sabe como é, né? A idade chega para todo mundo.

— Ah, poxa! — *Falou a jovem, contrariada.* — Tudo que é bom dura pouco, mesmo!

— Deixa disso, criatura! Por que você não me acompanha até lá?

— Só se a senhora me prometer que a gente vai continuar nosso passeio outro dia!

— Mas é claro!





NÃO JOGUE
LIXO

CABELO'S
HAIR
CORTE UNISX
PÉ & MÃO
15

Só
NASCENTE

NAO VENDO
FIADO

DIN-DIN
CREMOZO

SAÍDA - EXIT



PRACA DO CIDADÃO

FARMÁCIA



Enquanto Margarida esperava entediada na fila da farmácia, Aline, que visitava a Praça do Cidadão pela primeira vez, olhava tudo com curiosidade.

— Ainda bem que, hoje, a fila está pequena. — *Falou Margarida.* — Tem dias que só por milagre, viu? Daqui a pouco já devo ser atendida.

— Senha 36! — *Chamou o atendente.*

— Aí, não disse? Vamos!

— Ô vó, a senhora sempre vem buscar a medicação nessa farmácia? — *Perguntou Aline.*

— Aqui na Praça do Cidadão? Sim, minha filha, por quê?

— Ah, porque aqui é super bonitinho, e eu nunca nem tinha ouvido falar! As paredes são todas coloridas, tem quadra, coreto... Vi até um jardinzinho ali atrás!

— Do jardim eu até gosto, mas esses muros, sei não! — *Margarida falou, torcendo a boca.* — Para que isso? Tudo sujo, poluído! Por mim, podia pintar e deixar tudo bem ajeitadinho, aí sim a Praça ficaria perfeita.

— Vó, o nome disso é grafite! E pode ficar sabendo que é uma forma de arte, que nem aqueles quadros que a senhora deixa na sala.

— Mas por que os desenhos são assim tão... Diferentes? — *Perguntou a avó.*

— Ah, é só porque o estilo é mais jovem, é arte da quebrada. Falando nisso, o que é esse “Jovem de Expressão” ali na frente?

— Acho que é uma espécie de cursinho, sempre vejo os adolescentes entrando e saindo depois da escola.

— Vamos lá ver! — *Aline deu um gritinho, empolgada.*







Toda praça é cheia de surpresas, e a do Cidadão não é diferente. Ao ver o Jovem de Expressão, Aline, que é curiosa que dói, foi logo entrando:

— Com licença, boa tarde!

— Oi, tudo bem? — *Respondeu, lá de dentro, uma garota.* — Sejam bem-vindas!

— Oi! Meu nome é Aline e essa é minha avó, Margarida. A gente estava passando aqui pela praça e se perguntando o que era esse espaço. Será que você pode nos ajudar?

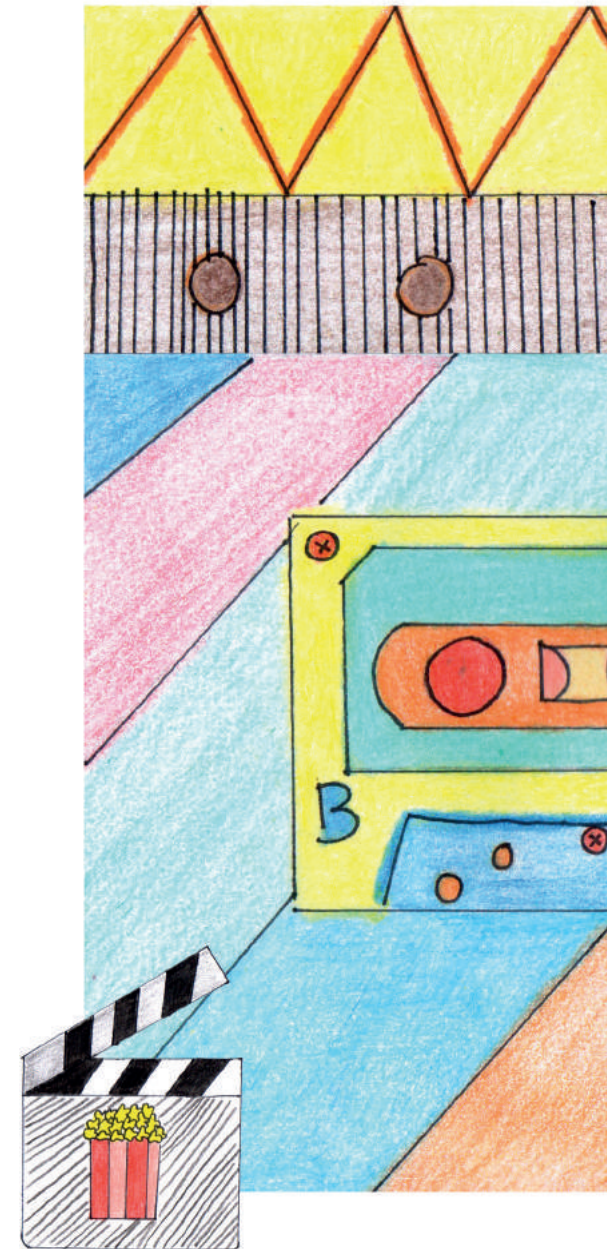
— Ah, claro! Me chamo Rayane e trabalho aqui. O Jovem de Expressão é um projeto social, criado em 2007, que oferece cursos de formação — oficinas de dança, de teatro e de fotografia, por exemplo — e atividades culturais para o público jovem aqui de Ceilândia, normalmente de 13 a 29 anos. Além disso, também oferecemos aulas gratuitas de pré-vestibular. ⑥

— Nossa, tudo para mim! — *Disse Aline, entusiasmada.* — Como é que eu não sabia disso?!

— Eu passo por aqui todo mês e nunca tinha entrado para perguntar. — *Margarida comentou.* — Se eu tivesse feito isso, você já poderia estar em alguma dessas atividades, né, Aline?

— Ah, tudo bem, vó, todo mundo vacila de vez em quando. Vou ficar atenta para me inscrever nas próximas!

— Ah, mas você pode participar das nossas atividades culturais mesmo sem fazer os cursos. — *Falou Rayane.* — Sempre acontecem exposições, exhibções de filme... De vez em quando, também rolam shows e espetáculos teatrais!





— Quando o seu tio era mais novo, Line, ele vivia enfurnado em uns shows de rock que aconteciam aqui em Ceilândia. Não sei mais nem se ainda tem dessas coisas hoje.

— Ele devia frequentar o Ceil Rock! — *Rayane logo emendou.*
— Foi um festival criado por um ceilandense em 1984. Hoje, é um dos eventos de rock mais famosos do país! Ele surgiu como uma oportunidade de promover lazer, diversão, cultura e informação entre o público de Ceilândia, que não tinha tanto acesso às atividades do Plano Piloto. Além disso, cada edição traz uma temática social diferente, como a valorização dos idosos, crianças, nordestinos etc. ⑦

— Ah, bom saber! — *Disse Margarida.* — Mas eu, mesmo, prefiro o São João da Ceilândia! Além de lembrar da minha terra, é bom demais para dançar um forrozim!



— E eu sou mais o Ceilândia em Movimento! — *Acrecentou Aline, que, cá entre nós, gosta mesmo é de rap.*

— Ceilândia em Movimento? — *Perguntou Margarida.* — Nunca ouvi falar!

— Ah, vó, como assim? Tudo bem que o Festival é bem novo, começou em 2013, mas todo mundo sabe o que é! Durante o evento, muita coisa rola, com diferentes tipos de apresentação; tem rap, hip hop e até discotecagem. Tem um pessoal da minha escola que todo ano toca lá.

— Tá sabendo direitinho, hein, Aline? — *Disse Rayane.* — Podia até vir aqui fazer parte do Jovem de Expressão junto com a gente! Ou mesmo da R.U.A.S., a Rede Urbana de Ações Socioculturais, que é, inclusive, uma das organizadoras do Ceilândia em Movimento.

— Que legal! — *Aline deu um pulinho.* — Eu quero muito, sim! *Margarida olhava admirada. Uma nova Ceilândia estava nascendo, e ela também tinha o que aprender com as mais jovens.*

— Fico muito feliz por você, Aline, e por esse papo de vocês estar tão desenrolado, mas está chegando nossa hora de ir. — *Margarida falou, encerrando a festa.* — Tá ficando muito tarde e a gente pode aproveitar o próximo ônibus, que passa logo mais.





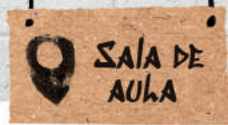
Loja mais

PRAÇA DO CIDADÃO

SAÍDA - EXIT







NO DIA SEGUINTE...

... Os alunos e as alunas estavam em polvorosa na sala de aula. Quando a professora Sandra falou, no entanto, todo mundo parou para escutar.

— Bom, pessoal, está chegando o dia da entrega do trabalho sobre patrimônio, hein? Não vão deixar para a última hora! Ceilândia é muito grande, quase que cabe o mundo aqui dentro, mas não é por isso que não vão poder entregar o que eu pedi no dia certinho.

— Profe, conversei com a minha vó, que mora aqui desde 1971, e ela me contou um montão de coisas sobre o começo de Ceilândia! — *Aline falou, esperta.* — Quando ela chegou, não tinha nada!

— Que bom saber, Aline! — *Comentou a professora.* — Tenho certeza que tudo o que sua avó lhe contou é verdade, mas vou fazer uma provocação: será mesmo que aqui não tinha nada?

— Ah, professora, mas aí também, né... — *Interveio Fabiana, tentando defender a amiga.* — Claro que tinha árvore, bicho, rio. O que a Aline quis dizer é que não tinha gente, cidade!

— Talvez eu não tenha me expressado bem. — *Disse Sandra.* — Estava querendo conversar com vocês sobre **patrimônio arqueológico**, a história dessa região antes mesmo de Ceilândia existir! Vocês sabiam que há registros de atividade humana no Distrito Federal que datam de 10 mil a 11 mil anos atrás? Na região que hoje corresponde à Ceilândia, estão catalogados sítios arqueológicos de milhares de anos atrás, e outros sítios históricos, com sinais de ocupação mais recente. Todos esses lugares registram a história da

nossa região. — *E continuou Sandra:* — Além do mais, não precisa ir tão longe. Essa região onde hoje fica o Distrito Federal sempre foi habitada: por pequenos grupos de famílias agricultoras e por povos indígenas, por exemplo. Estão aí, só para vocês terem uma ideia, as fazendas e outros sinais da época do Brasil ainda como colônia de Portugal.

Ninguém se conteve:

— *UUUUUUUUUUU!*

— Falando em história, professora, meu vô me contou cada coisa que vocês não vão acreditar... — *Foi falando Renato.* — É um caso mais esquisito que o outro!

— Ah, é que você não ouviu o que eu escutei de minha mãe!

— *José emendou.* — Ela nasceu aqui em Ceilândia, viveu cada segundinho dessa cidade. Até me contou que quiseram dar o nome do primeiro menino que nasceu aqui de Ceilândio, para homenagear essa terra, mas não deixaram.

— *O QUÊÊÊ?! — Disseram todos ao mesmo tempo. A sala inteira caiu na risada. Até o narrador teve que parar para conseguir respirar de novo!*

— Eu também não sabia disso, que curioso! — *Falou Sandra, após as gargalhadas diminuírem.* — Mas é bom saber que vocês estão com a mão na massa! Que orgulho! Agora, queria lembrá-los das nossas visitas para a Biblioteca Carlos Drummond de Andrade e para o campus da Universidade de Brasília (UnB), aqui de Ceilândia. Estejam com a autorização para sair da escola em mãos, como a gente combinou desde o começo, viu?

Patrimônio Arqueológico

O patrimônio arqueológico se refere aos bens, vestígios e indícios materiais deixados por nossos antepassados. Podem ser as pinturas em rochas, os vasos cerâmicos, as pequenas ferramentas de caça, cujas presenças atestam o processo evolutivo da humanidade e mostram a diversidade da ocupação humana em todo o planeta. No Distrito Federal, existem no momento 65 sítios catalogados, divididos entre os arqueológicos, referentes aos grupos que, milênios atrás, viviam apenas de caça e coleta (os chamados caçadores-coletores), e os históricos, referentes às fazendas e aos caminhos de pessoas que moravam no território do DF antes da construção de Brasília. Na região da Ceilândia, estão catalogados o Sítio Taguatinga, o Sítio DF-PA-15 e o Sítio Histórico São Francisco, também chamado de Fazenda Guariroba.

— Siiiiim, professora! — *Responderam todos juntos novamente, em alto e bom som.*

Aproveitando o tema, Fabiana levantou o braço e disse:

— Professora, eu encontrei um bocado de coisas sobre esse Drummond de Andrade na internet! Parece até que trabalhou no tal do Iphan, que cuida do patrimônio no Governo Federal, e que — olha só! — escreveu sobre Ceilândia. Se a senhora quiser, eu posso ler o poema que ele fez sobre a gente. Tem algumas palavras difíceis, que eu só descobri pesquisando, mas achei lindo. E põe a gente pra pensar bastante!

— Claro, faça isso! — *Falou Sandra.* — *Vamos adorar!*

Fabiana, toda envergonhada, encarou o papel, levantou o queixo, olhou para os amigos e começou:

A suntuosa Brasília, a esquálida Ceilândia contemplam-se.
Qual delas falará primeiro?
Que tem a dizer ou a esconder uma em face da outra?
Que mágoas, que ressentimentos prestes a saltar
da goela coletiva e não se exprimem?
Por que Ceilândia fere o majestoso orgulho da flórea Capital?
Por que Brasília resplandece
ante a pobreza exposta dos casebres de Ceilândia,
filhos da majestade de Brasília?
E pensam-se, remiram-se em silêncio
as gêmeas criações do gênio brasileiro ⑧

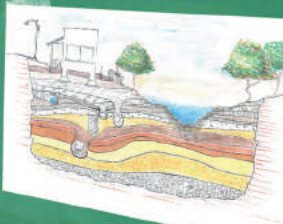
E tudo se acabou em palmas, muitas palmas.





Patrimônio arqueológico

Patrimônio arqueológico



AO SOM DE BERIMBAUS...

... Aline e Ingreth aproveitavam o intervalo da aula de capoeira para trocar ideias com o Mestre Guariroba.

— É, meninas, vocês estão evoluindo que é uma beleza! Tão fazendo os movimentos direitinho e acompanhando a música de um jeito que vi poucas pessoas fazerem nessa vida. Vão virar mestras como eu um dia virei, assim espero!

— Mestre Lininha! Já pode ir me chamando desse jeito, Guariroba!

— Respondeu Aline, empolgada.

— Calma lá, calma lá, Aline, que tem muita roda para você jogar até virar uma mestra. A Capoeira é uma arte brasileira das mais antigas, um símbolo da resistência à escravidão e uma ode à liberdade e à diversidade.

— Od...Ode? — Perguntou Aline.

— É, ode: uma homenagem, um elogio, uma manifestação de apreço.

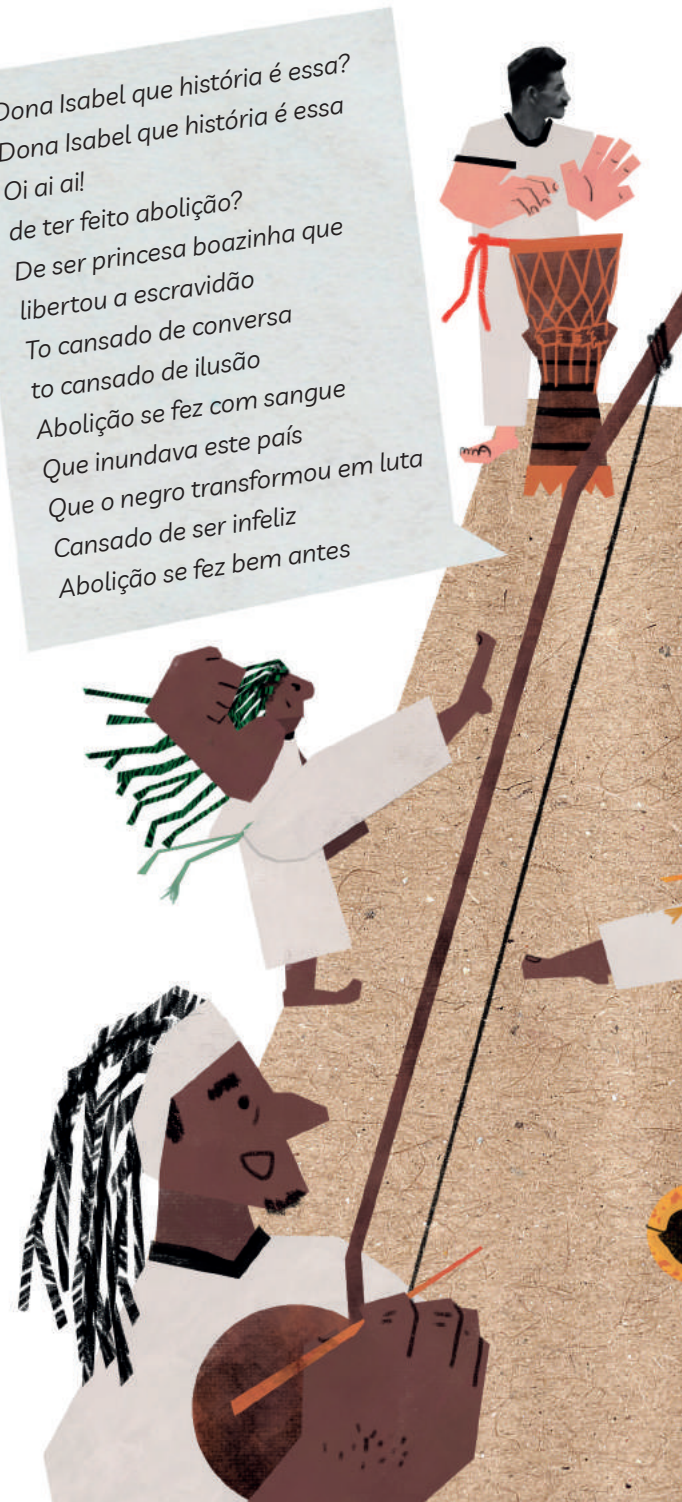
— Que legal, Mestre. Não conhecia nada disso, não. A capoeira, então, seria um patrimônio do povo brasileiro?

Guariroba respondeu, enchendo o peito:

— Não só seria, Aline, como é, desde 2008. Isto é, o registro foi feito pelo Iphan nessa época, mas já faz muito mais tempo que ela é patrimônio em nossos corações. Para mim, e para muita gente, a capoeira não é só um jogo, uma dança, uma luta; ela é uma história, um modo de vida. Já reparou que os cânticos da Capoeira contam as histórias de luta pela liberdade? Veja só:

Guariroba então pegou o berimbau e entoou uma ladainha:

Dona Isabel que história é essa?
Dona Isabel que história é essa
Oi ai ai!
de ter feito abolição?
De ser princesa boazinha que
libertou a escravidão
To cansado de conversa
to cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue
Que inundava este país
Que o negro transformou em luta
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes





E ainda há por se fazer agora
Com a verdade da favela
E não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora
De se acabar com essa maldade
De se ensinar aos nossos filhos
O quanto custa a liberdade
Viva Zumbi nosso rei negro
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos
E já jogava capoeira

lê! viva Zumbi
(*lêê Viva Zumbi, Camará*)
lê! Rei de Palmares
(*lêê Rei de Palmares, Camará*)
lê! Libertador
(*lêê Libertador, Camará*)

lê! Viva Meu Mestre
(*lêê Viva Meu Mestre, Camará*)
lê! quem me ensinou
(*lêê quem me ensinou, camará*)
lê! A Capoeira
(*lêê a Capoeira, Camará*) ⑨

Ingreth, que também não sabia disso, exclamou:

— Uau, Mestre Guariroba! Que demais! Acho que dá até pra estudar para as provas de História prestando atenção nessas canções!

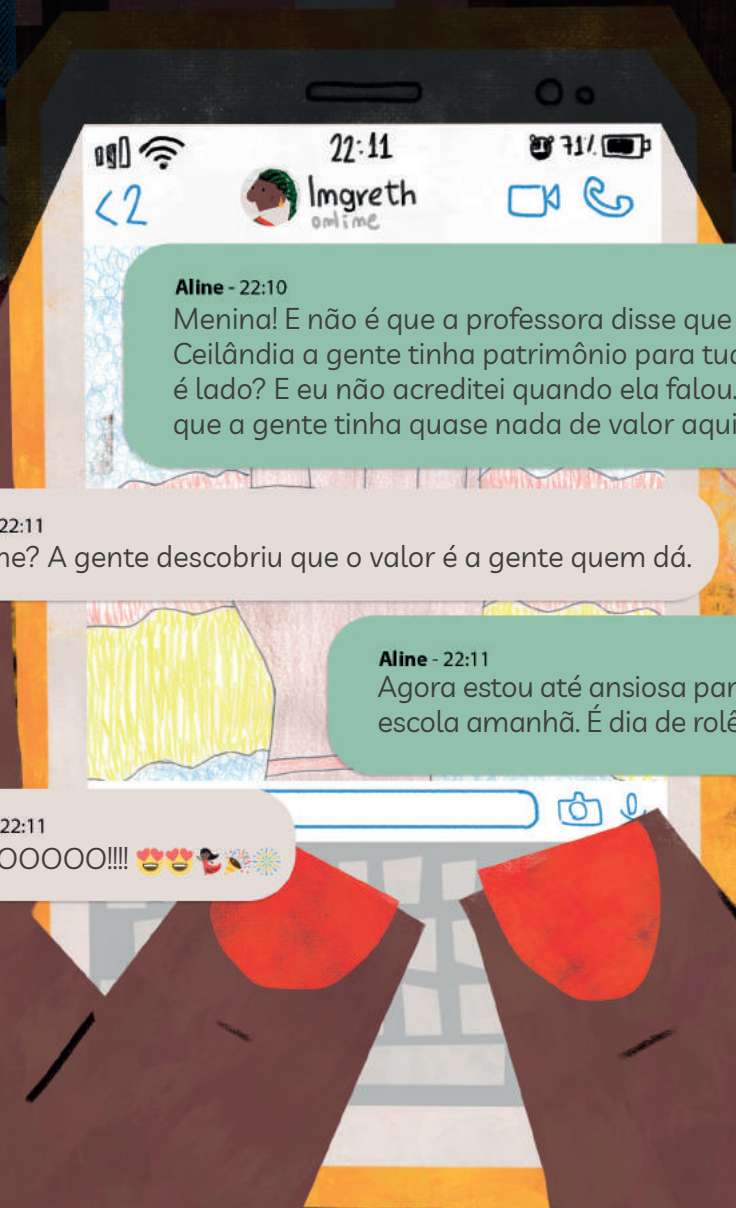
— Com toda a certeza! — *Respondeu, entusiasmado, Mestre Guariroba.*

— E sabe como é mais legal? A gente falando de capoeira, jogando capoeira, num espaço maravilhoso como esse que é o CEU das Artes. — *Comentou Ingreth.*

— É, miga! — *Reconheceu Aline.* — O CEU é um espaço genial, tudo pra mim. O significado de CEU é Centro de Artes e Esportes Unificado. Aqui, a gente tem acesso a atividades físicas, oficinas artísticas e apresentações culturais, e é para pessoas de todas as idades. Além de poder usar a biblioteca, o laboratório digital, a cinemateca... Ai, até me empolguei! ⑩

— Mais um patrimônio para a conta de Ceilândia, não é mesmo, meninas? — *Comentou Guariroba.*

— Claro! Isso aí eu já tinha certeza antes mesmo deste papo nosso! — *Encerrou Ingreth.*



22:11 71%
Ingreth online

Aline - 22:10
Menina! E não é que a professora disse que aqui em Ceilândia a gente tinha patrimônio para tudo quanto é lado? E eu não acreditei quando ela falou. Achava que a gente tinha quase nada de valor aqui. ✓✓

Ingreth - 22:11
Né, Aline? A gente descobriu que o valor é a gente quem dá.

Aline - 22:11
Agora estou até ansiosa para ir na escola amanhã. É dia de rolê! 🙈❤️ ✓✓

Ingreth - 22:11
VAMOOOOOO!!!! 🙈🙈🙈🙈🙈🙈🙈🙈



No ÔNIBUS...

... Os estudantes não paravam de cantar, levando o motorista a rir sem parar.

— Então, pessoal, todos lembram por que estamos fazendo essa visita de campo, não é? — *Perguntou Sandra.* — Vamos conhecer dois patrimônios da cidade que estão relacionados à educação!

— Que nem a nossa escola, professora? — *Perguntou uma voz tímida nos últimos bancos do ônibus.*

— Certamente! As escolas são muito importantes para a população da cidade e, certamente, são um patrimônio da comunidade. Mas não são as únicas. Infelizmente, como nosso tempo é curto, só poderemos visitar a Biblioteca Carlos Drummond de Andrade e a Universidade de Brasília hoje. Elas são ótimos exemplos de lugares que, além de promover o ensino, servem como espaço para abrigar registros históricos, manifestações artístico-culturais e conhecimentos científicos! Se vocês estudaram direitinho, já sabem que tudo isto está na nossa **Constituição Federal**!

CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. [...]

Ô MOTORISTA,
PODE CORRER!



Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I — as formas de expressão;
- II — os modos de criar, fazer e viver;
- III — as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV — as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V — os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Biblioteca Pública



De empurrão em empurrão, todo mundo conseguiu descer do ônibus e chegar à entrada da Biblioteca. Sandra foi iniciando os avisos:

— Pessoal, sem correria! Vamos conhecer o espaço, mas com todo mundo calmo, porque muita gente vem aqui em busca de silêncio e concentração, certo? Lembram daquele poema que a gente ouviu em sala de aula, declamado pela Fabiana? Então, essa é uma Biblioteca pública e ela carrega o nome do poeta que o escreveu, um dos maiores que já tivemos.

— Poeta? E esse cara vivia do quê, professora? — *Perguntou José, sarcástico.* — Já ouvi meu pai dizer que artista não tem muito como sobreviver só da arte, não. Isso tudo porque eu disse para ele que queria ser rapper.

— Não é bem assim, José... O que o seu pai quis dizer é que a arte ainda não tem o devido reconhecimento. Mas diga a ele que esse cenário está mudando e que ele pode participar, conhecendo um pouco mais as atividades que estamos realizando na escola. A arte é uma das maiores riquezas que o país tem: diversa, feita a qualquer hora e em qualquer lugar.

— E é? Então, a gente pode fazer batalha de rap na escola, professora? Sem que ninguém ache ruim? — *Replicou, animado, o jovem.*

— Gostei da ideia! Quem sabe até podemos envolver todos os alunos da escola. Vou conversar com a coordenação! — *Prometeu Sandra.*

— Aí sim, professora! Vou combinar com a galera. Vai ser louco demais!

— Ok, ok! Agora, vamos seguir com nosso percurso pela biblioteca, hein? Tem muita coisa para conhecer por aqui. Primeiro de tudo, vocês





sabem quem é que cuida do espaço?

— Não! — *Responderam rapidamente alguns.*

Fabiana, sempre muito sabida, não perdeu tempo.

— Ah, professora, é o governo, eu acho!

— Bom, também. — *Concordou Sandra.* — Quem cuida é a

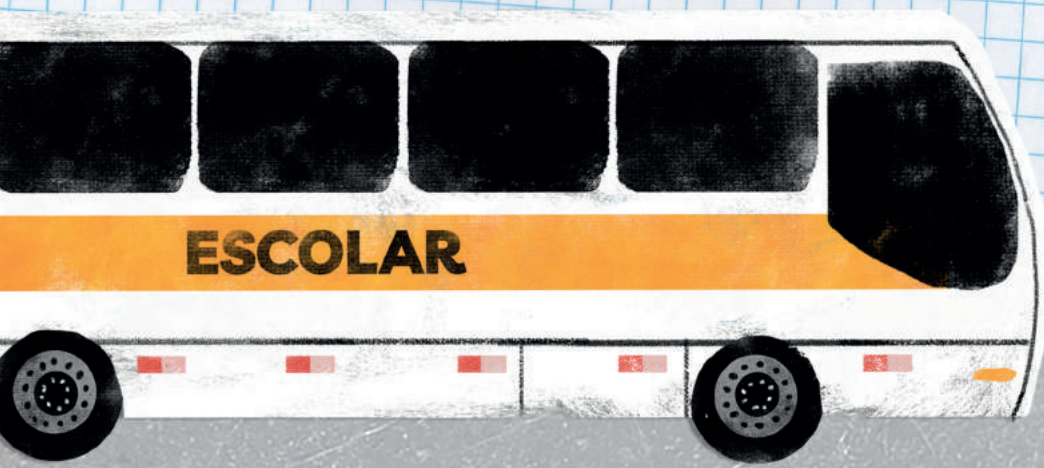
Administração de Ceilândia, pelo menos desde 1993, mas a biblioteca foi uma reivindicação dos moradores daqui da nossa cidade, que se mobilizaram, conseguindo doações de livros, e deram início a tudo isso que nós vemos aqui. A Biblioteca, vejam só, recebe em média 500 pessoas por dia, que podem pegar emprestados livros, acessar o espaço e participar, gratuitamente, de palestras e outras atividades. ⁽¹¹⁾

— Mais uma vez o povo de Ceilândia mostrando que não brinca em serviço! — *Falou Aline.* — Conseguiu uma Caixa d'Água, conseguiu a biblioteca, organiza o Jovem de Expressão...

Eunice, também dedicada, acrescentou:

— Impressionante! E a gente desconhecia tudo isso!

— Disse bem, Eunice. Desconhecia, no pretérito imperfeito. Hoje, vocês conhecem e podem construir mais e mais patrimônios futuro adiante. Mas se arrumem, que, agora, nós temos que pegar o ônibus para ir para a UnB, a Universidade de Brasília!



O Distrito Federal

Segundo o artigo 32 da Constituição Federal de 1988, o Distrito Federal é uma unidade indivisível do Estado brasileiro, isto quer dizer que não é composto, como outros estados, por municípios. De acordo com o texto constitucional, há aqui apenas a cidade de Brasília, capital federal da República Federativa do Brasil. No nosso dia a dia, no entanto, a população local passou a chamar a região do Plano Piloto de Brasília e cada região administrativa, as antigas “cidades-satélites”, pelo seu nome propriamente dito: Ceilândia, Taguatinga, Samambaia, Planaltina, e assim por diante. Essa é uma discussão, inclusive, que dá muito pano para manga. Como você chama o lugar onde mora? De cidade, de bairro, de região? Ou tudo, para você, é Brasília ou é Distrito Federal?

Da Biblioteca, o ônibus seguiu para o campus Ceilândia da Universidade de Brasília. O ônibus, mais uma vez, em festa...

Chegando lá, Renato, que estava com a pulga atrás da orelha, foi logo falando:

— Professora, me tira uma dúvida aqui. A gente está na Universidade de Brasília, mas, ao mesmo tempo, está aqui em Ceilândia. Como que explica um negócio deste?

— *OOW, bobão!* — *José implicou.* — Não sabe que Ceilândia faz parte de Brasília?!

— *Epa, epa!* — *Interveio Sandra.* — A pergunta não tem nada de boba. Pelo contrário, é uma questão muito boa, Renato. É verdade que a capital compreende todo o **Distrito Federal**, inclusive Ceilândia. Mas isso não quer dizer que todas as regiões sempre foram tratadas da mesma forma.



Aproveitando que estamos aqui, podemos observar o próprio caso da Universidade de Brasília. Ela existe, oferecendo cursos de graduação e pós-graduação, desde 1962, quando foi criado o Campus Darcy Ribeiro, no Plano Piloto. Sua chegada a Ceilândia, porém, só aconteceu 46 anos depois, em 2008. ⁽¹²⁾

Renato já começou a sonhar:

— Caramba, professora, a diferença foi grande, ein? Mas que bom que, hoje, a gente tem essa oportunidade de estudar mais perto de casa e em uma universidade pública. Mas ainda vamos ter que esperar o fim do ensino médio.

— Para ingressarem na graduação, vão mesmo. — *Completo Sandra.* — Mas a **UnB** é um espaço aberto e gratuito, então todos podem vir aqui para frequentar a biblioteca, estudar, participar de cursos abertos... Além disso, aqui perto também tem um campus do Instituto Federal de Brasília (IFB), que oferece cursos técnicos para estudantes mais novos!

A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A Universidade de Brasília (UnB) foi inaugurada em 1962, dois anos após a inauguração da nova Capital Federal. Foi idealizada por Darcy Ribeiro, que dá nome ao seu maior campus hoje, e Anísio Teixeira, pedagogo responsável também pelos projetos educacionais de Brasília. Ambos pensaram a nova universidade como um centro de raiz humanista, no qual o ensino e a pesquisa seriam realizados em conjunto e de modo interdisciplinar. Primeiro reitor da UnB, Darcy Ribeiro exerceu, ainda, o cargo de Ministro da Educação nos anos 60.

A conversa foi correndo solta entre os alunos, interessados no movimento da Universidade. No meio de todos, Ingreth perguntou à Aline:

— E aí, Line, 'cê já parou para pensar no que vai fazer quando acabar a escola? Ainda não sei o que vou estudar, mas, se depender de mim, vou embora. Minha família sempre fala em voltar para o Ceará, e eu que não vou reclamar de morar perto da praia!

— Ah, eu não sei. — *Respondeu Aline, pensativa.* — Às vezes, eu penso que quero ser enfermeira, às vezes bombeira... E tem dias que só penso em jogar capoeira.

— Eita, até rimou! — *Disse a amiga, rindo.*

— Pois é, haha. Ainda temos muito tempo para decidir. Mas, olha, não vou mentir: só de pensar em sair de Ceilândia, me dá um aperto no coração. Foi aqui que eu nasci, aqui onde minha vida aconteceu, né? Sem falar que a vovó iria sentir muito a minha falta.

— *Aaawn*, que fofa! — *Ingreth exclamou.*

— Ei, meninas, vamos lá? — *Chamou Sandra, de longe.* — Nosso ônibus está esperando!

— Já estamos indo, professora!







Sol
NASCENTE

ALINE CHEGOU EM CASA JÁ GRITANDO:

— ôôô, vóó!

— Ai menina, mas tu não aquieta nunca esse facho! Diga, diga, o que foi?

— Hoje teve visita de campo na escola! Nós fomos à Biblioteca de Ceilândia e ao Campus da UnB, a senhora conhece?

— Ih... — *Margarida tentou buscar na memória.* — Na minha época, não tinha tudo isso. A gente não tinha muita oportunidade de estudar, principalmente as mulheres. Eu mesma quase não terminei a escola. Hoje em dia, vendo você toda estudiosa assim, ai ai, chega esquentando meu coração!

— A senhora terminou a escola no Piauí, né? — *Perguntou Aline.* — E aqui no Distrito Federal, fazia o quê para passar o tempo?

— Trabalhava, ué, costurava noite e dia! Além de cuidar da casa, dos meninos... Desocupada, eu nunca fiquei! E mais: a gente ainda arrumava tempo para se divertir!

— Aqui em Ceilândia? — *Aline perguntou, surpresa.*

— Claro. Ou você acha que o povo daqui ficava só parado, olhando para cima? A gente não tinha dinheiro, mas sempre foi criativo! Espera aí, deixa eu te mostrar uma coisa.

Margarida desapareceu quarto adentro e voltou com um fichário grande, pesado. Era um álbum de fotografias, coisa que quase nem existe mais.

— Aqui, ó. — *Falou Margarida, apontando para o álbum.* — Aqui éramos eu e seu avô no Quarentão. Era um lugar de baile, onde os jovens iam dançar. Na maior parte das vezes, tocava música estrangeira. Eu não achava essas coisas todas, preferia um forró... Mas seu avô, que era louco por música, gostava de ver o pessoal tocando, fazendo discotecagem, era diferente de tudo que a gente conhecia.

— Poxa, que legal! E aqui, vó, onde é? — *Perguntou Aline, apontando para outra foto.*

— Ah, aqui é no Parque Lagoinha, onde a gente ia aos finais de semana, para tomar banho e para fazer piquenique. Sua mãe, quando era criança, adorava. Hoje em dia, nem água tem mais lá, os moradores da região não cuidaram, foram jogando lixo. E o governo também não fez nada, deixou a lagoa morrer.

— Que pena, vó. — *Disse Aline, triste.* — Nosso **patrimônio natural** sempre foi muito pouco valorizado.

— Ih, falando “patrimônio natural”... Tá toda chique! Que bom, que bom que você gosta de estudar...

Aline ficou roxa de vergonha.

— Ah, deixa de besteira, dona Margarida! Conta para mim, o que é essa outra foto?

— Você não conhece? Aqui é a Feira de Ceilândia, a de antigamente. Eram só as barracas na rua, que nem a gente falou na semana passada.



PATRIMÔNIO NATURAL

O patrimônio natural, além de dizer respeito aos ecossistemas, à fauna, à flora e às formações geológicas, também engloba as paisagens culturais, onde elementos naturais se misturam aos agir humano, isto é, à cultura. O Distrito Federal está inserido no Cerrado, o segundo maior bioma da América Latina, que guarda uma riquíssima biodiversidade. Como você deve ter notado, a preservação ambiental e a preservação patrimonial têm tudo a ver!



— Mas e esse negócio aqui no meio? — *Perguntou Aline, apontando para o centro da foto.* — É um teatro de rua? Esse aqui do lado, tocando viola, é o vô?

— É, sim. Um teatro de bonecos, **mamulengo**. Seu avô tocava e eu brincava o boneco.

— *Hein?!* A senhora se apresentava na rua?!

— Oxe, menina, para que tanto espanto? — *Margarida falou, rindo.* — Eu gostava. Quando era criança, no Nordeste, eu via boneco na rua, mas minha mãe, sua bisavó, não deixava eu ficar até tarde, para ver o final da apresentação. Quando cheguei aqui em Brasília, comecei a costurar empanadas e roupinhas para um grupo que trabalhava ali pelo centro. Fui vendo como eles faziam e, vez por outra, eu participava das brincadeiras com eles. E seu avô tocava, claro! Ah, como era bom esse tempo...

E lá se foram as duas, até tarde da noite, mergulhando nas memórias do álbum de fotografias.

MAMULENGO

O Teatro de Bonecos Popular do Nordeste (TBPN) é um bem registrado pelo Iphan desde 2015. Por ser uma prática muito diversa, recebe nomes diferentes em cada estado: no Ceará, é *Cassimiro Coco*; na Paraíba, é *Babau*; no Rio Grande do Norte, é *João Redondo*; em Pernambuco e no Distrito Federal, é *Mamulengo*. As apresentações, chamadas de brincadeiras, acontecem, normalmente, em lugares públicos. O brincante se esconde atrás de uma tenda — a empanada — e manipula os bonecos, que costumam ser feitos de madeira e de tecidos coloridos.





José - 21:10

Então, moçada, é o seguinte: a professora Sandra falou com a diretora, e a escola deixou que a gente fizesse uma aula de encerramento do projeto, com batalha de rima e tudo



Renato - 21:11

Opaaaa! Aí, sim, moleque!



Eunice - 21:13


Aêêê! Então, vamos começar a organizar tudo! Já começamos a fazer a decoração e os cartazes




Aline - 21:20

A gente pode convidar a família para assistir? ✓✓







Fabiana - 21:21
Chama geral!




Ingreth - 21:25
Galera, tem outra coisa: vocês não acham que deveríamos tentar guardar melhor essas informações que juntamos? Sei lá, tenho medo de ficar tudo esquecido depois que acabar o projeto...



Renato - 21:27
Pode crer, boto fé. Cê acha que a gente deveria fazer tipo um blog?



Ingreth - 21:27
Ninguém nem sabe mais o que é blog, véi!



Aline - 21:28
Hmm... Acho que tive uma ideia! ✓✓





DEPOIS DE TANTO TRABALHO...

Finalmente chegou o último dia do projeto da turma sobre patrimônio cultural. Para celebrar, os alunos se reuniram na quadra e, junto com seus familiares, ouviram a professora Sandra iniciar as atividades:

— Bom dia, meninas e meninos! Hoje é um dia mais do que especial para a nossa escola e para Ceilândia também. Foram várias semanas dedicadas à **educação patrimonial** e ao estudo das nossas memórias, identidades e referências culturais.

Com os trabalhos de vocês, homenageamos a cidade, mas não só; quando falamos dos patrimônios de Ceilândia, estamos falando, também, de novas formas de ver e de viver seus espaços, de outros modos de exercer a cidadania. E, sobretudo, reconhecemos a importância das pessoas que construíram e que constroem tudo a que damos valor e significado. Por isso, ficamos muito felizes com a presença de todos!

Aline cutucou dona Margarida.

— Olha lá, vó. A professora está falando de você!

— Que é isso, menina, quem sou eu...

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Como o nome indica, a Educação Patrimonial envolve vários processos de aprendizagem e de construção de saberes relacionados ao patrimônio cultural, em todos os seus aspectos (material, imaterial, arqueológico e natural). Ela não se limita aos espaços da escola; ao contrário, está presente em todas as atividades de compreensão e de difusão das referências culturais de uma comunidade, a fim de colaborar para o resgate das memórias, a construção das identidades e do pertencimento.



Sandra, no centro da roda, continuou:

— Para expor o resultado de nosso projeto sobre o patrimônio cultural de Ceilândia, construído com base nos **Inventários Participativos**, os estudantes prepararam, com muita dedicação e criatividade, todo o material que se encontra exposto na escola: cartazes, fotos, objetos...

CASA AKOTIRENE



A Casa Akotirene é um centro cultural, também conhecido como Quilombo Urbano. Um espaço de cultura e empoderamento para mulheres e LGBTQIs, a partir de experiências no âmbito das artes.

É um lugar que as pessoas podem frequentar sem se preocupar em ser julgadas pela cor de pele, orientação e identidade sexual etc. Lá eles trabalham em ajudar as pessoas com um trabalho de escuta e aconselhamento. A Casa, dentro de sua proposta política, acolhe mulheres que necessitam, além de realizar eventos, como sarais, batalhas de rap, festas e rodas de debate.

Para a Casa Akotirene ficar em ordem, todas as mulheres que residem no lugar colaboram com algo. Existem regras para um bom convívio e para um andamento próspero da casa. (13)

FEIRA DO PRODUTOR

A Feira existe desde a década de 1970, tendo surgido praticamente junto com a cidade de Ceilândia. Sua primeira sede era no centro, perto da Caixa D'Água. Antigamente, ela funcionava a céu aberto, mas, ao longo dos anos, foi se desenvolvendo e mudou-se para um espaço fechado.

Hoje, mais de cinco mil pessoas trabalham para atender a Feira, fazendo dela um dos maiores polos de desenvolvimento econômico e social de Ceilândia na área da alimentação. O espaço também recebe eventos anuais, como o Arraiá da Feira do Produtor. (14)





PRAÇA DA BÍBLIA

A Praça da Bíblia, inaugurada em 2007, foi projetada em atenção a uma demanda da comunidade evangélica de Ceilândia. Ao longo do tempo, a população da cidade foi dando novos usos para o espaço, que se tornou palco não só de cultos, mas também de rodas de capoeira, batalhas de rima e shows diversos.

Atualmente, tornou-se um local de confraternização e de práticas culturais e esportivas. Lá, a comunidade aprende a andar de skate, a soltar pipa, a dançar... Todos têm acesso livre, é um ótimo lugar para se divertir. ⑮



INVENTÁRIOS PARTICIPATIVOS


Um dos elementos da Educação Patrimonial, como entendida pelo Iphan, é a ferramenta dos Inventários Participativos, instrumento inspirado no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Com essa ferramenta, o que se propõe é que cada comunidade, cada grupo, cada coletivo possa, de modo intuitivo e sistemático, pesquisar, coletar, organizar e listar aquelas referências culturais que lhes são mais importantes. O universo do que é considerado patrimônio, nesse sentido, é atribuído coletivamente por múltiplos grupos sociais. Esse livro, a propósito, foi todo construído a partir dessa ferramenta, em toda a diversidade que ela permite. Como a atividade de inventariar é algo que se pode fazer constantemente, quem sabe não é a sua hora de fazer o seu inventário sobre os patrimônios de Ceilândia?!

*Se enchendo de orgulho, a professora revelou a atração da manhã:
— Além disso, tenho o prazer de anunciar a apresentação de rimas
preparadas pelos estudantes! É com vocês!*

E o pessoal foi logo rimando. E cantando. E rimando...

*Em 21 de março de 71 foi criado
Mais um lugar nesse país
Uma cidade nobre com simples civis
E que construíram a cidade, hoje estou muito feliz*

*Abandonados, fomos largados em um lugar desabitado
Sem moradia, sem comida e sem cuidados
Desrespeitados, despachados, favelados*



Que mundo é esse com direitos tão desiguais?
Somos pessoas e só queremos paz
Fomos jogados feito animais
Mas nossos ancestrais mostraram que éramos capazes de construir
Uma cidade sem a ajuda dos demais

Mesmo com tantos defeitos, vou falar da nossa bela Ceilândia
Não muito gigante, mas tem muita fama
No lazer, na cultura e na comida

Com muitos pontos turísticos, com muitas tradições
Cultura, dança, música, venha para a Ceilândia
Conhecer nossas evoluções! ⁽¹⁶⁾

O público foi à loucura! Foram salvas de palmas, gritinhos, dizem que teve até jura de amor.

Margarida, vivida que é, não se conteve. Chorou à beça.

— Olha só, Aline, lembra um pouco as cantorias, né?

— É verdade, vó. Nem tinha parado para pensar sobre isso. Mas depois a gente conversa melhor, que agora preciso prestar atenção!

Sandra, então, ainda com os olhos meio aguados, pediu à turma para dar mais uma palavrinha:

— Muito bom, pessoal! Agora, gostaria de chamar à frente uma das estudantes mais participativas do projeto, que gostaria de fazer um anúncio aos presentes: Aline da Silva!

Devagarinho, Aline subiu ao palco e começou a falar, gaguejando:

— Bom dia, pe-pessoal. Err... Me desculpem, eu tenho um pouco de vergonha, mas não queria deixar de falar. Quando a professora Sandra anunciou esse projeto sobre Ceilândia, eu achei que seria uma coisa muito chata, sabe? Que daria muito trabalho, que não teria nada para falar... Mas eu fui percebendo que estava errada. Essa conversa toda sobre patrimônio cultural me fez olhar a cidade com outros olhos, e eu passei a ver coisas que eu não via. Mas não foi só isso: por causa do projeto, eu tive oportunidade de conversar mais com a minha avó, dona Margarida, que está sentada ali atrás, ó! Ela viveu toda a história desse lugar e tem muito a ensinar sobre Ceilândia. É um verdadeiro patrimônio!

Margarida levou a mão ao peito, emocionada ao ver a neta falando daquele jeito. Aline, emocionada também, mas já com um pouco menos de vergonha, continuou:

— Mas, bom, eu já estou demorando demais. O que vim anunciar é que, para que nenhuma dessas coisas que nós pesquisamos e produzimos se perca, e inspirados no álbum de fotos da vó Margarida, resolvemos criar uma conta virtual!

A partir de hoje, qualquer um pode procurar pelo usuário **@minhaquebrada_mundo** e ver as fotos, vídeos, entrevistas e desenhos que nós fizemos. Também vamos colocar curiosidades e informações sobre a cidade lá, então não deixem de acessar, tá?





Muito
OBRIGADA!





NOTAS

- 1 Falas adaptadas de trabalho de construção de conceitos sobre patrimônio durante aula da profa. Sandra Maria Rodrigues, CED Incra 09.
- 2 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Luiz Dálysson de Melo, Rosivaldo Pereira, Kayky Gonçalves e Pedro Henrique Sousa, do CEF 27, e Aisla, da Associação Despertar Sabedoria no Sol Nascente.
- 3 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Danielly Sthefany e Laisla Vitoria, do CEM 03, e de Nívea Clara, Mikaelle Rodrigues e Emily Gonçalves, do CEF 27.
- 4 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Flávia Ribeiro, Giulia Vitória Nascimento, Ellem Francyne, Luciene Nogueira, João Vinicius Ramos, Brenno Gramacho, Jamerson Marques e Yago Afonso, do CEF 27.
- 5 Retirado do folheto *A Origem do Repente*, de João Santana. Disponível em: www.versoencantado.com.br.
- 6 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Daiana Alves, Tayna Vargas, Victor Hugo Ribeiro, Samuel Bastos, do CEF 27.
- 7 Texto adaptado das redações/pesquisas de Eduardo Borges Peixoto, Marcos Vinicius de Sousa Farias e Mikael Lisboa, do CEM 03.
- 8 O trecho faz parte do poema Favelário Nacional, publicado no livro *Corpo*, de Carlos Drummond de Andrade, em 1984.
- 9 Trecho da música Dona Isabel, do Mestre Toni Vargas.
- 10 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Bárbara Alves, Beatriz Alves, Beatriz Ribeiro, Ketley Camargo, Maria Eduarda Marques, Felipe de Castro, Natanael França e Pedro Lucas, do CEF 27.
- 11 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Bruna, Uiliane, Mikaeli, Yasmin, Brenda Oliveira, Maria Fernanda, Alyne de Paula, Geovana Rocha, Taynara Cristina, Andressa Pereira, Dalisson Camargo, Gustavo Pereira, Bruno Leonardo, Rafaela Silva, do CEF 27, e Rafaela Machado Almeida de Jesus, da Associação Despertar Sabedoria no Sol Nascente.
- 12 Texto adaptado da redação/pesquisa de Francisca Ramyle, do CEM 03.
- 13 Texto adaptado das redações/pesquisas de Gabriela dos Santos Barbosa e Sarah Benedita, do CEM 03.
- 14 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Wagner Alves, Mikael Brito, Murilo Mendes, Bricio Willy, Ronald Matheus e Kawan Regis, do CEF 27.
- 15 Texto adaptado das redações/pesquisas/vídeos de Isaac Felipe, da Associação Despertar Sabedoria no Sol Nascente.
- 16 Rimas elaboradas pelos alunos da Turma 8º E, do CEF 27, sob a orientação da professora Aline Rodrigues Aires.
- As fotografias em preto e branco que compõem as ilustrações do livro são do Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF). Na página 24, as fotografias foram extraídas do ArPDF como parte da pesquisa de mestrado *Mapeando Ceilândia: um estudo morfológico das cinco décadas da cidade*, conduzida por Alana Waldvogel.
- Na página 47, as imagens dispostas no quadro foram retiradas do livro *Arqueologia e os primeiros habitantes do Distrito Federal*, publicado pelo Iphan em 2019.

AUTORES

A Adriane Lopes • Aisla Holonna Honorato Cruz • Alacício Junio Tomaz da Silva • Alana Barbosa Caitano • Alana Costa Souza • Alef Rabelo Pereira • Aline Araújo da Silva • Aline Karina de Araújo Dias • Aline Rodrigues • Alisson Ferreira da Costa • Alyne de Paula • Amanda Kayane Oliveira da Silva • Ana Carolina Lessa Dantas • Ana Clara da Silva • Ana Clara de Aguiar Nunes • Ana Clara Silva Ferreira • Ana Luiza Batista • Ana Paula Nogueira da Silva • Andréza Camila Andrade • Antônio Luvs • Arthur Duraes Bastos • Ayla Andryelle Nunes

B Bárbara Alves • Beatriz Alves • Beatriz de Oliveira Alcantara Gomes • Beatriz Ribeiro • Brayson Sousa de Jesus • Brenda Oliveira • Brenno Gramacho • Brício Willy • Brunna Evelyn Silva Manguiera • Bruno Borges de Castro • Bruno Leonardo

C Camila Gomes da Silva • Carlos Leandro • Caroline Apostolo Lopes

D Daiane Alves • Dalisson Camargo • Daniel Bruno Vieira de Melo • Daniel Jesus • Daniele Silva • Danielly Sttefany dos Santos Leite • Dayana da Silva Correia • Débora Pereira • Dhyorrana Lima Cortes • Didi Colado • Diogo Mendes da Silva • Domingos Pereira da Silva Neto

E Eduarda Cristina • Eduardo Peixoto • Eduardo Silva Santos • Ellem Francyne • Ellen Eduarda • Emanoell Ferreira Porto Nobre • Emanuelle Santos da Silva • Emily Gonçalves • Esthefane Batista • Eunice Vitória de Oliveira • Ezequiel Bezerra de Sousa

F Fabiana Martins de Freitas • Felipe de Souza Batista • Fernanda Oliveira • Flávia Ribeiro • Francielly da Silva Nunes • Francisco Victor de Sousa

G Geovana Rocha • Geovanna Guerato Santana • Giovana Vitória • Giovanna Marceley • Giulia Vitória Nascimento • Gleydson de Lima Araújo • Guilherme Entoni da Silva • Gustavo Henrique Viana Barbosa • Gustavo Lima Guimaraes Pereira • Gustavo Pereira

H Hellen Eugênio da Silva • Hellen Gonçalves • Henrique Silva Santos • Hillary Pereira •

I Igor Costa Silva • Ingreth Adri • Isaac Felipe Gonçalves dos Santos • Isabela Sales da Silva • Isadora Fortes E. Santo

J Jackeline Guimarães Belo Oliveira • Jady Ribeiro Silva • Jamerson Marques • Janaína dos Santos Neto • Janaina Marques • Jean Gabriel Gamas Carvalho • Jefferson Guilherme Silva • Jennifer Karina de Paula • Jhennifer Cardoso dos Santos • João Emanuel Bezerra • João Pedro de Oliveira • Joao Vinicius Ramos • Joao Vitor Alves Rodrigues • João Vítor de Sousa Soares • Jonas dos Santos Bandeira • Jorge Gabriel Pereira • José Harthur Pereira Lopes • José Nunes de Oliveira Filho • Josué da Costa Oliveira • Julia Eduarda

K Kamila Feitosa • Karen Cristina Marques • Káren Karolynny Ferreira Paraíso Argemiro da Mota • Kassiely Pereira Rocha de Souza • Katia Rodrigues da Silva • Kauã Máximo da Silva • Kawan Regis • Kayky Gonçalves • Kaylane Vieira dos Santos • Kelly Amorim • Kelly Batista Oliveira • Kethely da Conceição • Ketley Araújo • Keven Vieira de Jesus • Kevin Gabriel Lopes de Freitas • Krislen Kellen

L Laila Vitoria Souza Dos Santos • Laisla Victoria da Silva • Larissa da Silva Rabelo • Larissa Ribeiro da Silva • Larissa Rodrigues • Laura Ribeiro de Toledo Camargo • Laya Eduarda Moreira Santana • Layane Vitória Matos de Sousa • Lays Laysla Araújo de Oliveira • Leo da Silva Santos • Leticia Ramos Nascimento • Livia Rodrigues de Sousa • Lorraine Rodrigues De Sousa • Lorryne Silva Nogueira • Luan Arrais da Silva • Luan de Matos Santarém • Luan Wendell • Luana Dos Santos Soares • Lucas Barboza Aquilino • Luciene Nogueira • Luís Fernando Celestino da Costa • Luis Henrique Lima • Luiz Dálysson de Melo

M Manoel Jevan Gomes Olinda • Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida • Marconi Cristino Silva • Marcos Aurélio Andrade Vieira • Marcos Vinicius de Souza Farias • Margareth de Lourdes Souza • Margarida Minervina da Silva • Maria Cecilia de Oliveira Diniz • Maria Clara Lima de Oliveira • Maria Clara Menezes Silva • Maria Clara Rodrigues de Barros • Maria Eduarda Marques • Maria Eduarda Rodrigues • Maria Eduarda Sales Leao • Maria Eduarda Santos Lima • Maria Fernanda Silva • Maria Luiza dos Santos Alves • Maria Luiza Soares • Marina Silva Lunas • Marleane de Sousa • Matheus Cardoso • Matheus Henrique Silva de Assis • Matheus Junio Mota Lima •

Matheus Sousa • Mauricio Gustavo Nobre • Michele Evangelista da Silva • Miguel Alves dos Santos • Mikaele Rodrigues • Mikaelly Alencar de Deus • Milena Cristina Almeida Chagas • Miriã Marques da Silva • Murilo Mendes • Natália de Oliveira Diniz • Nillya Fonseca Honorato

N Nivea Clara

O Odair Junio Gomes Domiciano

P Paulo Moura Peters • Pedro Augusto de Oliveira • Pedro Henrique Rodrigues da Silva • Pedro Henrique Sousa

R Rafael Lucas Oliveira • Rafaela Alves Dos Santos • Rafaela Machado Almeida de Jesus • Rafaela Silva • Raillton Ferreira de Oliveira • Raissa Danielle Ribeiro de Souza • Rannah Oliveira Santos • Raquel Machado • Raquel Rocha • Raquel Sá Rodrigues de Souza • Rayane Rodrigues • Rayane Soares • Renato Pereira • Rihanna Carolaine Fernandes • Róbsom Mindú • Rodrigo Capelle Suess • Romenig de Barbosa Soares • Ronald Matheus • Rosivaldo Pereira

S Sabrina Almeida de Souza • Safira Nayari Fernandes de Jesus • Samara Alves Freitas • Samuel Bastos • Samuel Carlos Cavalcanti • Samuel Santana • Sandra Maria Rodrigues • Santilha Rezende de Menezes • Sara Rodrigues Feitosa • Sarah Almeida da Costa • Sônia Regina Rampim Florêncio • Suelen Soares da Silva

T Tainá Porto • Talisson Rodrigues • Tayna Vargas • Taynnara Cristina • Thaísa de Brito Costa • Thalita Santos de Jesus • Thiago Pereira Perpétuo • Tiago Clementino Brito • Tiago Costa

V Vanessa Almeida Marques dos Santos • Vanessa Nascimento Freitas • Victor Gabriel Ribeiro Dantas • Victor Gabriel Silva Oliveira • Victor Hugo Gonçalves • Victor Valentino • Vinicius Prado Januzzi • Vitor Pereira De Araujo • Vitoria Lourrane Ramos • Vitoria Silva Ferreira • Vivianne Nunes Dias

W Wagner Alves • Wallacy Araújo de Oliveira • Willianny Mendes da Silva

Y Yago Afonso • Yasmin Cristina Leopoldina da Silva

Este livro foi composto com as famílias das fontes Livvic, corpo 11, entrelinha 17;
e Sedgwick Ave Display, corpo 22, entrelinha 26,4.

Impresso em papel Offset 120g, em 4 cores, pela Gráfica e Editora Ideal LTDA.

Tiragem de 1.000 exemplares.

Apoio

RUAS

**JOVEM DE
EXPRESSION**



Realização

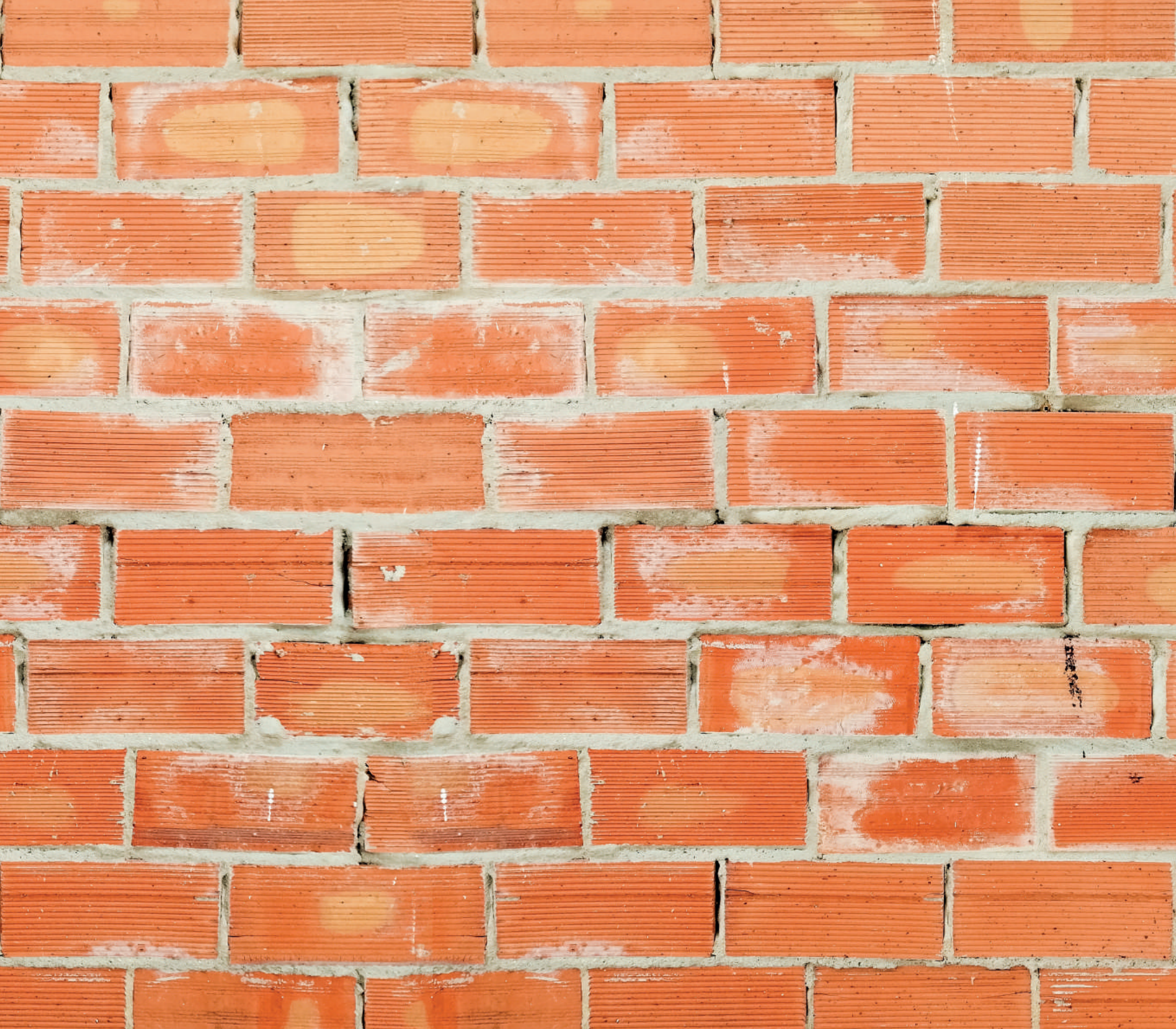
Secretaria
de Educação



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO







**MIAN
MINHA QUEBRADA
É MAIOR QUE O
MUNDO**

Edições  IPHAN

IPHAN

SEJA BEM-VINDO(A) À CEILÂNDIA!

Este é um mapa afetivo da cidade. Isso quer dizer que o mais importante dele não são as escalas e distâncias exatas, mas os pontos que ele representa!

Depois que você terminar o livro, que tal voltar ao mapa e completar os balões com os nomes dos patrimônios culturais que fazem de Ceilândia uma cidade tão querida?!



Você conhece esses lugares? Já passou por eles?
 Se sim, com quem você estava? E como chegou?
 A pé, de ônibus, de carro, de bicicleta?
 Quais as cores desses lugares?
 Eles têm cheiro? Quem os frequenta?
 Ih... não lembra? Então talvez seja hora de visitá-los de novo! Se for dar um rolê, aproveite para marcar as fotos com as hashtags #CEIMinhaQuebrada #MaiorQueoMundo